



WICKED LOVELY

Frágil Eternidade



melissa marr

Tradução de Maria João Trindade



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Frágil Eternidade

— Desculpa, tem de ser — Aislinn lançou um olhar preocupado a Keenan — coisas da Corte, sabes?

— Sei. — Seth passara mais horas do que gostava de pensar a ouvi-la tentar dar sentido às suas novas responsabilidades, completamente incapaz de a ajudar. Tinha uma longa lista de coisas que requeriam a sua atenção, e ele ficava simplesmente ali sentado, à espera.

— Mas continuamos combinados para o Crow's Nest amanhã, certo? — O tom dela era de preocupação.

— Encontramo-nos lá. — enrolou os dedos no cabelo dela, puxando-o gentilmente, até ela inclinar a cabeça para trás e beijá-lo. Queimou-lhe os lábios, a língua — a dor não era insuportável, mas era o suficiente para ele não poder fingir que era a rapariga que ele conhecera.

— Não sei o que faria sem ti. Sabes isso, não sabes? — Aislinn susurrrou-lhe.

Seth não respondeu, mas também não a largou. Estaria sem ele mais tarde ou mais cedo: era mortal. A não ser que encontrassem uma forma de Seth pertencer ao seu mundo, acabaria por desaparecer, e seria Keenan a abraçá-la.

Para Loch, por ser o meu amor de sempre, e para sempre...



~ ~ ~ Agradecimentos ~ ~ ~

Este livro não teria sido possível sem o conhecimento e a paixão de Anne Hoppe. Obrigada por acreditar nos meus personagens e por partilhar esta jornada comigo. Estes livros são tanto seus como meus.

Tudo o que tenho na vida — incluindo a escrita — é possível porque tive a sorte de encontrar um parceiro que preenche as minhas lacunas. Loch, deste-me a coragem e a fé para tentar fazer mais do que achava que iria conseguir. Obrigada por estares comigo durante as viagens, os horários esquisitos, as perguntas estranhas, e toda a montanha-russa de emoções em geral.

As experiências de vida fazem parte do processo de escrita. O meu filho, de paciência sem limites, convenceu-me a viajar para sítios distantes, para conviver com papagaios-do-mar. A minha filha sábia lembrou-me de tirar umas noites de folga para ver as maratonas da *Buffy*¹. Por estas, e por muitas outras razões, ambos continuam a ser o centro do meu universo.

Os meus pais continuam a oferecer-me apoio a cada passo da jor-

¹ Buffy, a Caçadora de Vampiros, personagem de filme e série de televisão nos E.U.A.

nada. Não conseguiria fazer nada disto sem a sabedoria e o amor que me deram ao longo dos anos.

Alguns dos suspeitos do costume foram também uma ajuda preciosa nos últimos anos. Jeanine Frost continua a ser firme no seu papel como sócia crítica e como amiga chegada. Melissa Dittmar salvou a minha sanidade e organizou o meu universo. Alison Donalty e Mark Tucker mimaram-me com outra capa fantástica. Patrice Michelle ofereceu comentários sábios sobre o texto. Mark Del Franco, Kelly Kincy, Vicki Petersson, Rachael Morgan, Jason Falivene, Kerri Falivene, e Dean Lorey, todos partilharam comigo a sua sanidade e palavras sábias. Os amigos são como um tesouro. A todos, obrigada.

A minha gratidão vai também para os meus maravilhosos leitores. Os agradecimentos extra vão para aqueles que dispuseram de tempo para vir conhecer-me, assim como para os leitores em *www.wickedlovely.com* e no meu próprio fórum *web* (especialmente a Maria, Jennifer, Meg, Tiger, Pheona, Michaela, e Raven) por tolerarem os meus impulsos tagarelas.

Todos me inspiraram a continuar a tentar melhorar.

Obrigada.

PRÓLOGO

Seth apercebeu-se imediatamente de que Aislinn entrara em casa; o leve aumento na temperatura ter-lho-ia revelado, mesmo que não tivesse visto o brilho da luz do sol por entre a escuridão da noite. *Melhor do que uma lanterna.* Sorriu ao pensar como a sua namorada reagiria ao facto de ser apelidada de lanterna, mas o sorriso desvaneceu-se-lhe passado um instante, quando ela lhe apareceu à porta.

Aislinn já tirara os sapatos. O seu cabelo já estava solto, livre do penteado em que tivera de o prender para a festa do Verão a que comparecera nessa noite. *Com o Keenan.* Seth ficou tenso ao pensar nela nos braços de Keenan. Todos os meses, Aislinn tinha de ir com o Rei do Verão àqueles bailes que duravam até de manhã e, por muito que tentasse habituar-se a isso, Seth ainda tinha ciúmes.

Mas, agora, ela não está com ele. Está aqui.

Aislinn desapertou o corpete do seu vestido antiquado enquanto o olhava.

— Olá.

Ele podia ter falado; não tinha a certeza de o ter feito. Não importava. Em momentos como aquele, não havia muito que realmente importasse, a não ser ela, eles, aquilo que significavam um para o outro.

O resto do vestido caiu no chão e Aislinn estava nos seus braços. Seth sabia que, naquele instante, não falara, pois a luz do sol derramava-se-lhe sobre a pele como mel aquecido. A festa da Corte do Verão acabara, e ela estava ali.

Não com ele. Comigo.

Os mortais não eram bem-vindos nas festas mensais. No entanto, quando acabavam, Aislinn vinha ter com ele, demasiado transbordante de luz do sol e de alegria para poder dormir, demasiado receosa de si mesma para ficar toda a noite na companhia do resto da Corte do Verão. Por isso, vinha refugiar-se nos seus braços, embriagada de sol e esquecendo-se de ser tão cuidadosa com ele como era nas outras noites.

Aislinn beijou-o e ele tentou ignorar o calor tropical daquele beijo. Orquídeas, uma pequena árvore de ilangue-ilangue e ramos de bambu “deusa dourada” encheram o quarto. Os aromas perfumados pesavam no ar húmido, mas sempre era melhor do que a cascata de há uns meses atrás.

Quando ela estava ali, nos seus braços, as consequências não importavam. Só eles importavam.

Os mortais não eram feitos para amar fadas; Seth tinha a prova disso todos os meses, quando Aislinn se esquecia de como ele era frágil. Se fosse suficientemente forte, iria às festas. Em vez disso, era obrigado a admitir que os mortais não estavam seguros em aglomerações de fadas não controladas. Em vez disso, limitava-se a esperar que, depois das festas, ela não o ferisse demasiado. Em vez disso, aguardava-a no escuro, desejando que ainda não fosse este mês que ela ficasse com Keenan.

Mais tarde, quando recuperaram a voz, Seth tirou-lhe pétalas de orquídeas do cabelo.

— Amo-te.

— Eu também. — Aislinn corou e baixou a cabeça. — Estás bem?

— Quando aqui estás, fico bem — Seth deixou cair as pétalas no chão. — Se dependesse de mim, vinhas para cá todas as noites.

— Eu ia gostar disso — Aislinn enroscou-se e fechou os olhos. Agora, a sua pele não estava luminosa — porque ela estava calma e relaxada — e Seth sentia-se grato por isso. Dentro de algumas horas, amanheceria; ela veria as queimaduras no seu tronco e costas, nos sítios onde lhe tocara demasiado e sem o devido cuidado. Depois, desviaria o olhar. Sugeriria coisas que ele detestava ouvir.

A Rainha do Inverno, Donia, dera-lhe a receita de um bálsamo que curava queimaduras da luz do sol. Não resultava tão bem nos mortais como nas fadas, mas, se ele não demorasse a usá-lo, curaria as queimaduras no espaço de um dia. Seth olhou para o relógio.

— Está quase na hora do pequeno-almoço.

— Não, — murmurou Aislinn — está na hora de dormir.

— Está bem — Seth beijou-a e abraçou-a durante o máximo de tempo que lhe era possível sem se magoar. Ficou a olhar para o relógio, ouvindo a respiração regular de Aislinn, enquanto ela adormecia cada vez mais profundamente. Depois, quando já não podia esperar mais, começou a deslizar para fora da cama.

Aislinn abriu os olhos.

— Fica aqui.

— Vou à casa-de-banho. Volto já — sorriu-lhe timidamente, esperando que ela não fizesse perguntas. Como ela não podia mentir, ele fazia o seu melhor para evitar também mentir-lhe, mas já haviam passado por isto algumas vezes.

Aislinn olhou-lhe os braços e Seth soube que nenhum dos dois queria ter a conversa que se seguiria — em que ela lhe diria que não devia vir ter com ele quando estava assim e ele entrava em pânico ao pensar que, em vez disso, ela poderia ficar nas águas-furtadas com o Rei do Verão.

Aislinn encolheu-se.

— Desculpa. Pensei que tinhas dito que não estavas ferido...

Seth podia argumentar, ou podia distraí-la.

Não era uma escolha difícil.

Quando Aislinn acordou, ergueu-se sobre um dos braços e ficou a ver Seth dormir. Não sabia o que faria se alguma vez o perdesse. Por vezes, sentia que ele era a única coisa que a impedia de se ir abaixo; ele era a sua versão da videira que se enrolava à volta das Meninas do Verão — o apoio que a impedia de se desfazer.

E eu magoei-o. Outra vez.

Conseguia ver as nódoas negras sombrias e as queimaduras brilhantes que as suas mãos lhe haviam feito na pele. Seth nunca se queixaria disso, mas ela ficava preocupada. Ele era tão frágil, em comparação até com as fadas mais fracas. Passou-lhe as pontas dos dedos pelo ombro e ele aproximou-se mais. Seth estivera ali durante toda a conturbação dos últimos meses, desde que ela se tornara Rainha do Verão. Não lhe pedira que fosse totalmente mortal ou totalmente feérica; em vez disso, deixara-a ser ela mesma. Essa era uma dádiva que nunca lhe poderia pagar. *Ele* era uma dádiva. Fora fundamental para ela quando ela ainda era mortal, e tornara-se ainda mais importante enquanto ela tentara estabilizar-se na sua nova vida como rainha das fadas.

Seth abriu os olhos e olhou-a.

— Pareces estar muito longe.

— Estava só a pensar.

— Sobre? — Seth ergueu uma sobrancelha ornada com um *piercing*. E o coração de Aislinn esvoaçou exactamente como sucedera quando ela tentara ser apenas amiga dele.

— O costume...

— Vai correr tudo bem — Seth fê-la rolar para debaixo do seu corpo.

— Vamos encontrar uma solução.

Aislinn envolveu-o com os braços, enredando-lhe os dedos no cabelo. Lembrou-se de ter cuidado, de moderar a sua força, para que ele não se recordasse de que ela era muito mais forte do que um mortal. *De que eu sou diferente dele.*

— Eu *quero* que corra tudo bem — sussurrou Aislinn, tentando afastar pensamentos sobre a mortalidade dele, a sua natureza efêmera, agora que ela era eterna, sobre como ele era finito — e ela não. — Dizes-me isso outra vez?


Seth baixou os lábios para os dela e disse-lhe coisas que dispensavam palavras. Quando se afastou, segredou-lhe:

— Uma coisa assim tão boa pode durar para sempre.


Aislinn percorreu-lhe a coluna vertebral com a mão, perguntando-se se ele a acharia estranha por querer deixar a luz do sol impregnar-lhe as pontas dos dedos ao fazê-lo, perguntando-se se isso iria lembrá-lo de que ela já não era mortal.

— Quem me dera que pudesse ser sempre assim. Só nós os dois.

Havia algo na expressão de Seth que ela não conseguia decifrar, mas depois ele puxou-a para si e ela esqueceu todos os pensamentos e palavras.



CAPÍTULO 1

 **A** Rainha Suprema dirigiu-se ao átrio com alguma ansiedade. Geralmente, exigia que os visitantes fossem levados até si, mas, neste caso, Sorcha abria uma exceção. Seria demasiado perigoso permitir que Bananach andasse a passear pelo hotel.

Nos últimos meses, Sorcha transferira a Corte Suprema para as fronteiras do mundo mortal, tendo ocupado um quarteirão da cidade, que refizera à sua medida. Entrar naquele quarteirão significava sair do reino mortal e penetrar na orla do reino feérico. Os seus domínios continuavam isolados, separados de tudo o mais. As regras do mundo mortal — o seu sentido de tempo e lugar, as suas leis da natureza — não se aplicavam no universo das fadas, nem mesmo neste espaço intermédio para onde trouxera a sua corte.

Em séculos de existência, Sorcha nunca deslocara a sua corte para tão próximo do reino dos mortais, mas, agora que as outras cortes estavam a modificar-se, Sorcha não podia continuar tão distante. Para ela, era impossível viver durante muito tempo no reino mortal, mas a sua permanência na fronteira da mortalidade não alteraria o seu mundo. Era a opção mais razoável. O jovem rei assumira o trono com a sua rainha,



por quem esperara durante séculos, na Corte do Verão. A sua apaixonada detinha o trono do Inverno. E Niall, que era quase uma tentação para Sorcha, sentara-se no trono da Corte das Trevas. Nada daquilo era inesperado, mas tudo mudara num abrir e fechar de olhos.

Sorcha passou a mão pelo corrimão das escadas, tocando a madeira macia, deliciando-se com as recordações de tempos mais simples — e afastou prontamente aquele laivo de nostalgia. Dirigia a sua corte desde tempos imemoriais. Era a Rainha Suprema. Reinava sobre a permanência, o coração do reino féérico, a voz de um mundo à parte, e era a Rainha Imutável.

A alternativa — a sua antítese, a sua gémea, Bananach — esperava-a no quarto. Aproximou-se de Sorcha, com um olhar levemente irracional espelhado nos olhos. Todos os pensamentos extraviados sobre caos e discórdia que poderiam ter nascido na mente de Sorcha haviam sido transferidos para o espírito de Bananach. Enquanto Bananach existisse para albergar tais sentimentos, Sorcha seria quase sempre poupada a esse fardo desagradável. Assim se criara um estranho laço entre as duas.

— Há quanto tempo — disse Bananach. Os seus movimentos eram hesitantes, passando as mãos sobre a superfície de vários objectos, como se precisasse de se familiarizar com o mundo, como se o tacto a fixasse à realidade. — Já passou muito tempo. Desde o nosso último encontro.

Sorcha não sabia bem se estas frases eram perguntas ou constatações: a percepção que Bananach tinha da realidade era débil nos seus melhores dias.

— Nunca passa tanto tempo como eu gostaria. — Sorcha fez sinal à irmã para se sentar.

Bananach instalou-se num divã de padrão floral. Abanou a cabeça, desarranjando as longas penas que lhe caíam pelas costas como os cabelos de um mortal.

— Faço minhas as tuas palavras. Não gosto de ti.

A sua brusquidão era desconcertante, mas a guerra não se fazia com delicadeza — e Bananach era a essência da guerra e da violência, da podridão e do caos, do sangue e da desordem. A Corte das Trevas podia ser a corte oposta à de Sorcha, mas a sua verdadeira opositora era Bananach. A fada de cabeça de corvo não se deixava restringir pela sua corte, mas também não se separava dela. Era demasiado primitiva para se enquadrar na Corte das Trevas e demasiado intriguista para passar sem ela.

A atenção inabalável de Bananach era inquietante. Os seus olhos negros como um abismo brilhavam de forma desagradável.



— A tua presença incomoda-me.

— Então, porque estás aqui?

Bananach bateu com as garras na mesa de uma forma dissonante, sem melodia nem ritmo.

— Por tua causa. Vim aqui por tua causa. E virei sempre, estejas onde estiveres.

— Porquê? — Sorcha sentiu-se encurralada naquela conversa que já durava há séculos.

— Hoje? — Bananach inclinou a cabeça num ângulo que revelava a sua natureza de pássaro, vigilante, atenta ao menor movimento. — Tenho coisas para te dizer. Coisas que vais querer saber.

Sorcha deixou-se ficar imóvel; geralmente, com Bananach, era mais seguro não reagir.

— E porque havia eu de te ouvir, desta vez?

— Porque não?

— Porque não estás aqui para me ajudar — Sorcha estava cansada de uma eternidade de discórdia com a irmã. Por vezes, perguntava-se o que aconteceria se, simplesmente, eliminasse Bananach. *Destruir-me-ia a mim própria? À minha corte?* Se soubesse essa resposta, se soubesse que podia matá-la sem os amaldiçoar a todos, tê-lo-ia feito há muitos séculos.

— As fadas não mentem, minha irmã. Que razão podes ter para não me ouvires? — cantarolou Bananach. — A Razão és tu, não és? Estou a oferecer-te a Verdade... tem alguma lógica ignorares-me?

Sorcha suspirou.

— Então, se eu agir de acordo com o que me disseres, isso poderá causar algum tipo de caos?

Bananach agitou-se um pouco no assento, como se, subitamente, tivesse ouvido uma melodia que mais ninguém podia — ou queria — ouvir.

— Há sempre esperança.

— Ou o facto de eu *não* agir causará o caos... e vieste aqui picar-me para me incitares a fazer o oposto do que disseres. — reflectiu Sorcha. — Nunca te cansas deste jogo?

Bananach inclinou a cabeça em pequenos movimentos graduais e fez estalar os dentes como se tivesse realmente um bico. Era uma espécie de riso, um gesto curioso. Que não agradava a Sorcha. A fada-corvo deitou-lhe um olhar penetrante.

— E porque me cansaria?

— Porquê, na verdade? — Sorcha sentou-se numa das incontáveis cadeiras esculpidas pela água que as suas fadas haviam espalhado pelo



átrio. Aquela estava cravejada de jóias em bruto, o que a tornava desconfortável, mas aumentava a sua beleza natural.

— Então, queres que te diga o que tenho a dizer, minha irmã? — Bananach inclinou-se mais para Sorcha. Nos seus olhos negros brilhava uma chuva de estrelas, constelações que, às vezes, condiziam com as do céu dos mortais. Naquele dia, Scorpius, a besta que matara Orion, estava no centro do olhar de Bananach.

— Fala — disse Sorcha — Fala, para te poderes ir embora.

Bananach assumiu a atitude e o tom de uma contadora de histórias. Acalmou-se, recostou-se e ergueu as mãos. Em tempos, há muitos séculos, esta conversa desagradável seria tida no escuro, junto à lareira. Era nesse tipo de cenário que Bananach gostava de murmurar as suas maquinações. Mas, mesmo ali, na quase opulência daquele palácio construído pelos mortais, Bananach falou como se ainda estivessem à lareira, entoando as palavras na cadência usada na escuridão pelos contadores de histórias.

— Há três cortes que não te pertencem — a que devia ser minha, a corte do sol e a corte do gelo.

— Eu sei...

Bananach susteve o olhar de Sorcha e sobrepôs a sua voz à dela:

— E entre essas cortes, existe uma nova unidade; um *mortal* passeia-se livremente por todas elas. Segreda ao ouvido daquele que detém o meu trono; ouve o novo Rei das Trevas e a nova Rainha do Inverno lamentarem as crueldades do jovem rei.

— E? — incitou Sorcha. Nunca se sabia quanto tempo durariam aqueles relatos.

Desta vez, parecia tratar-se de uma narrativa curta. Bananach pôs-se de pé, como se tivesse visto um espectro ali presente que a mandasse aproximar.

— O jovem rei tem um grande potencial para a crueldade. Eu podia vir a gostar do Verão — a sua mão estendeu-se para tocar algo que mais ninguém via. Depois, parou e franziu o sobrolho. — Mas ele não me recebe.

— O Keenan só faz o necessário para proteger a sua corte — murmurou Sorcha distraidamente, tentando discernir o que estaria por detrás do discurso da irmã: não era a tendência do Rei do Verão para a crueldade que lhe importava; era o papel do mortal. Os mortais não deviam intrometer-se nos assuntos das cortes das fadas. Se tudo fosse mantido como devia ser, eles nem poderiam nunca *ver* fadas, mas a objecção de Sorcha ao facto de a Visão ser concedida a mortais era, por vezes, ignorada.



Como se os mortais que nascem com a Visão não causassem já problemas suficientes.

Mas era por problemas que Bananach ansiava. Pequenos problemas levavam a distúrbios maiores. Neste ponto, pelo menos, estavam de acordo. A diferença era que uma delas procurava evitar a desordem e a outra procurava alimentá-la.

Centenas de momentos aparentemente insignificantes haviam-se combinado para criar os resultados criados por Bananach. Ela fora a voz que incitara Beira, a última Rainha do Inverno, a destruir Miach — o antigo Rei do Verão, desaparecido há séculos, e amante ocasional de Beira. Bananach fora a voz que sussurrara as coisas com que todos eles sonhavam em silêncio, mas geralmente tinham o bom senso de não pôr em prática.

Sorcha não estava disposta a ver outro pequeno problema transformar-se num conflito gerador do caos.

— Os mortais não têm nada a fazer no reino das fadas — disse ela. — Não deviam envolver-se no nosso mundo.

Bananach tamborilou com os seus dedos com garras na ponta, num ritmo aparentemente satisfeito.

— Mmmm. *Este mortal tem a confiança deles, as três-cortes-que-não-te-pertencem ouvem o que ele diz. Ele tem influência... e eles protegem-no.*

Sorcha fez-lhe sinal para continuar.

— Conta-me.

— Ele dorme com a Rainha do Verão, não como um mortal de estimação, mas como um consorte. A Rainha do Inverno deu-lhe a Visão. O novo Rei das Trevas chama-lhe “irmão”. Bananach retomou o seu lugar no divã e assumiu uma atitude sombria, o que perturbava sempre Sorcha — e por bons motivos: quando Bananach estava concentrada, era mais perigosa. — E tu, minha irmã, não tens qualquer influência sobre ele. Não podes apossar-te deste mortal. Não podes raptá-lo como fizeste com os outros mortais de estimação dotados de Visão e mortais híbridos.

— Estou a ver — Sorcha não reagiu. Sabia que Bananach estava à espera, escondendo-lhe ainda alguma coisa, para tentar provocá-la para lá das suas últimas reservas de tranquilidade.

Bananach acrescentou:

— E o Irial também tinha uma mortal de estimação, uma coisinha mortal que ele prendeu e mimou como se ela merecesse fazer parte da Corte das Trevas.

Sorcha fez um som de desprezo ao ouvir relatar a idiotice de Irial. Os



mortais eram demasiado frágeis para aguentarem os excessos da Corte das Trevas. Ele devia sabê-lo.

— Ela morreu? Ou enlouqueceu?

— Nem uma coisa nem outra, ele abdicou do trono por causa dela... de tal maneira estava contaminado pela mortalidade dela... era doentia, a maneira como ele a adorava. É por isso que o novo rei está sentado no trono que devia ser meu — Bananach ainda mantinha o ar de contadora de histórias, mas estava a ficar de mau humor. A ênfase nas palavras, aquela variação de tons que adoptava quando se entregava a narrativas estava a atenuar-se. Em vez disso, começava a sublinhar palavras ao acaso. A sua cobiça pelo trono da Corte das Trevas desestabilizava-a; o facto de o mencionar não augurava nada de bom no tocante ao seu estado de espírito.

— Onde está ela? — perguntou Sorcha.

— Agora, ela já não tem qualquer influência... — Bananach sacudiu uma mão como se estivesse a afastar teias de aranha da sua frente.

— Então porque me falaste dela?

A expressão de Bananach era imperscrutável, mas a constelação nos seus olhos mudou para a de *Gemini*, os gémeos.

— Já partilhámos... muitas coisas; pensei que saberias porquê.

— Não preciso de ouvir falar nos mortais de estimação que o Irial descartou. É um hábito deplorável, mas... — Sorcha encolheu os ombros, como se o assunto não tivesse a menor importância — não posso controlar a depravação da corte dele.

— Eu podia... — um suspiro desejoso seguiu-se àquelas palavras.

— Não, não podias. Destruirias o pouco autocontrolo que ainda lhes resta.

— Talvez, — Bananach suspirou mais uma vez — mas as batalhas que poderíamos ter... eu podia aparecer à tua porta, coberta de sangue, e...

— Ameaçar-me não é a melhor forma de conseguires a minha ajuda. — lembrou-lhe Sorcha, embora aquela observação fosse inútil. Bananach não podia evitar sonhar com a guerra, assim como Sorcha não conseguia resistir à sua propensão para a ordem.

— Não era uma ameaça, irmã, apenas um sonho que acarinho. — num movimento demasiado rápido mesmo para Sorcha conseguir vê-lo claramente, Bananach foi agachar-se em frente da irmã. As suas penas caíram-lhe para a frente, roçando o rosto de Sorcha. — Um sonho que me aquece à noite, quando não tenho sangue para me banhar.

As garras com que Bananach tamborilava um ritmo tão irregular marcavam agora uma cadência estável ao cravarem-se nos braços de Sorcha, deixando-lhe marcas na pele como pequenas luas.



Sorcha manteve a calma, apesar de o seu próprio mau génio estar prestes a vir à superfície.

— É melhor ires-te embora.

— Pois é. A tua presença turva-me a mente. — Bananach beijou a testa de Sorcha. — O nome do mortal é Seth Morgan. Ele vê-nos como nós somos. Sabe muito sobre as nossas cortes — até sobre a tua. Tem um sentido estranho de... moral.

Um murmúrio de raiva ameaçou revelar-se quando Sorcha sentiu as penas da irmã flutuando-lhe à volta do rosto; a lógica tranquila que Sorcha personificava só era posta em causa pela presença das fadas mais fortes da Corte das Trevas. Nem as fadas do Verão nem as do Inverno conseguiam provocá-la. As fadas solitárias nem tinham capacidade para causar uma leve ondulação no lago sereno que lhe repousava no espírito. Só a Corte das Trevas a levava a quase perder as estribeiras.

É lógico. É a lei dos opostos. Faz todo o sentido.

Bananach esfregou a sua face na de Sorcha.

A Rainha Suprema teve vontade de bater na fada guerreira. A lógica dizia que Bananach sairia vencedora; era a encarnação da violência. Havia poucas fadas, se é que havia algumas, que pudessem sobreviver-lhe numa batalha directa — e a Rainha da Ordem não era uma delas. Porém, naquele momento, a tentação de arriscar era cada vez mais forte.

Só um golpe. Qualquer coisa.

A pele dos seus braços começara a arder-lhe de tantas pequenas feridas quando Bananach inclinou a cabeça em mais uma série de pequenos movimentos sacudidos. As penas pareciam sussurrar enquanto Bananach se afastava, dizendo:

— Estou farta da tua companhia.

— E eu da tua. — Sorcha não se mexeu para estancar o sangue que pingava para o chão. Um movimento seu confrontaria Bananach com a sua força, ou irritá-la-ia mais ainda. Qualquer das hipóteses resultaria em mais feridas.

— Vem aí uma guerra a sério. — disse Bananach. Rolos de fumo e neblina infiltraram-se no quarto. Figuras semi-obscurcidas de fadas e de mortais estenderam mãos sangrentas. O céu carregou-se de asas de corvo ilusórias, que roçagavam como folhas secas de milho. Bananach sorriu. Duas asas, ainda meras sombras, desenrolaram-se-lhe a partir da coluna vertebral. Aquelas asas haviam pairado sobre campos de batalha em séculos passados; vê-las tão claramente fora de um campo de batalha não era um bom presságio.

Bananach estendeu as suas asas de sombra e disse:






— Eu sigo as regras. Vim avisar-te. Pragas, sangue e cinzas cobrirão o mundo deles e o nosso.

Sorcha manteve o rosto inexpressivo, mas também vislumbrou algumas réstias de futuros possíveis. As previsões da irmã eram bastante plausíveis.

— Não deixarei que obtenhas esse tipo de guerra. Não agora. Nem nunca.

— A sério? — a sombra de Bananach alongou-se como uma mancha escura sobre o chão. — Bem, então... agora é contigo, minha irmã.



CAPÍTULO 2

Seth observou Aislinn a discutir com os conselheiros da Corte, bastante mais extrovertida com as fadas do que alguma vez fora com os humanos. Na mesa à sua frente, tinha abertas as páginas do seu novo plano, completado com gráficos.

Quando se sentava, nas águas-furtadas de Keenan, com as plantas altas e as multidões de fadas a encher o local, era fácil esquecer-se que nem sempre tinha sido um deles. As plantas inclinavam-se na sua direcção, desabrochando na sua presença. Os pássaros que se aninhavam nas colunas cumprimentavam-na quando entrava numa divisão. As fadas competiam pela sua atenção, procurando ter alguns momentos na sua presença. Após séculos de debilidade, a Corte do Verão começava a prosperar — graças a Aislinn. Ao início, parecia ter-se sentido desconfortável em ser o centro da Corte, mas agora estava tão à-vontade com a sua posição que Seth se perguntava quanto tempo demoraria até que ela abandonasse o mundo mortal, incluindo-o.

— Se delegarmos diferentes regiões, assim — apontou novamente para o seu diagrama, mas Quinn escusou-se da mesa, deixando Tavish a explicar de novo porque achava o seu plano desnecessário.



Quinn, o conselheiro que substituíra Niall recentemente, deixou-se cair no sofá ao lado de Seth. Era tão diferente de Niall na aparência como no temperamento. Enquanto Niall destacara os seus traços quase banais, Quinn parecia esforçar-se por um certo nível de elegância e postura. Mantinha o cabelo com madeixas de sol, a pele bronzeada, a roupa a sugerir riqueza. Acima de tudo, no entanto, onde Niall fora uma voz que conseguia arrancar Keenan à sua melancolia ou acalmar o temperamento do Rei do Verão, Quinn parecia alimentar o humor actual de Keenan. Isso deixava Seth desconfiado em relação ao novo guarda.

Quinn franziu o sobrolho.

— Ela não está a ser razoável. O Rei não pode esperar que nós...

Seth limitou-se a observá-lo.

— O que foi?

— Achas que o Keenan vai dizer-lhe que *não*? Seja ao que for? — Seth quase deu uma gargalhada com a ideia.

Quinn pareceu afrontado.

— Claro.

— Errado. — Seth observou a sua namorada, a rainha da Corte do Verão, brilhar como se tivesse pequenos sóis presos debaixo da pele. — Tens muito que aprender. A não ser que a Ash mude de ideias, o Keenan vai experimentar o plano dela.

— Mas a corte sempre foi governada desta maneira. — Tavish, o conselheiro mais antigo da corte, repetia-se novamente.

— A corte também tem sido sempre governada por um monarca, não é? Ainda é. Não *precisam* de concordar, só peço o vosso apoio. — Aislinn sacudiu o cabelo por cima dos ombros. Continuava a ser tão negro como o de Seth, tanto como quando era humana, mas agora que se tinha tornado um deles, tinha madeixas douradas.

Tavish ergueu a voz, um hábito que aparentemente não tinha até Aislinn se juntar à corte.

— Minha Rainha, decerto...

— Não venhas com o “minha Rainha”, Tavish — espetou-lhe o dedo no ombro. Pequenas faíscas tremeluziram na sua pele.

— Não quero ofender-te, mas a ideia de ter governadores locais parece tola. — Tavish lançou-lhe um sorriso apaziguador.

O temperamento de Aislinn disparou uma vaga de cores por toda a divisão.

— Tola? Estruturar a nossa corte para que as nossas fadas estejam seguras e tenham ajuda quando precisarem é uma tolice? Temos a res-



pensabilidade de cuidar da nossa corte. Como faremos isso se não temos contacto com elas?

Mas Tavish não recuou.

— Uma mudança tão grande...

Seth deixou de lhes prestar atenção. Ouviria Aislinn contar tudo novamente quando tentasse compreender a situação. *Não preciso de o ouvir duas vezes.* Pegou num comando e foi mudando a música. Alguém tinha adicionado a canção dos Living Zombies que ele mencionara na outra semana. Selecionou-a e aumentou o volume.

Tavish estava com um olhar suplicante. Seth ignorou-o, mas Quinn não. Resmungando, mas ansioso de mostrar o seu valor, o novo conselheiro voltou à mesa.

Então Keenan entrou, com várias Meninas do Verão a seu lado. Estavam cada vez mais bonitas. À medida que o Verão se aproximava — e que Aislinn e Keenan se tornavam mais fortes — as suas fadas pareciam desabrochar.

Tavish começou imediatamente:

— Keenan, meu Rei, talvez possas explicar a Sua Graça que... — mas as suas palavras morreram mal se apercebeu da expressão de ira no rosto do Rei do Verão.

Em resposta ao seu humor volátil, a pele de Aislinn, que já brilhava, irradiou luz suficiente para que Seth não conseguisse olhar para ela sem se ferir. Sem sequer se aperceber que o fazia, estendeu raios de sol como mãos imaginárias, em direcção a Keenan. Nos últimos meses, desenvolvera uma ligação cada vez mais forte com o Rei do Verão.

O que é uma treta.

Tudo o que Keenan tinha de fazer era olhar para ela e Aislinn estava ao seu lado; esquecia os papéis, esquecia a discussão, esquecia tudo menos Keenan. Ia ter com ele e o resto do mundo parava, pelo olhar consternado de Keenan.

É o trabalho dela. As coisas da corte têm de ter prioridade.

Seth desejava que isso não o irritasse. Tinha-se esforçado para se tornar a pessoa que era agora — uma pessoa com as emoções sob controlo, cuja arrogância não o levava a fazer comentários cruéis. Canalizou essas tendências de discórdia para os seus quadros e esculturas. Entre a sua arte e a meditação, ultimamente conseguia encontrar paz, mas o Keenan testava esses progressos que tinham sido tão difíceis de conquistar. Não é que Seth não compreendesse a importância de fortalecer a Corte do Verão depois de séculos de arrefecimento, mas às vezes era difícil acreditar que Keenan não exagerasse preocupações menores para



chamar a atenção de Aislinn. Passara séculos com a presunção que o que pensava, ou queria, era da maior importância. Agora que tinha o poder para juntar à sua arrogância, não era provável que se tornasse menos exigente.

Tavish chamou a si as Meninas do Verão e levou-as para a cozinha. Com a partida de Niall, e Keenan a tentar restabelecer a autoridade da sua corte — sem falar em forjar novos acordos com outras cortes — Tavish tinha assumido a responsabilidade de ajudar as Meninas do Verão a ter um certo nível de independência. Seth achava que era perversamente engraçado que passar horas a certificar-se que um grupo de belas raparigas estava de bom humor fosse considerado trabalho, mas mais ninguém parecia achar piada. O que era importante na Corte do Verão nem sempre fazia sentido para um mortal — facto de que Seth era lembrado constantemente.

À medida que Keenan relatava a nova crise em que se tinha metido, fosse qual fosse, Seth juntou as suas coisas e levantou-se. Esperou que Aislinn olhasse para ele e depois disse:

— Ash? Vou-me embora.

Aislinn foi pôr-se ao lado de Seth — perto, mas sem lhe tocar. Não é que não pudesse alcançá-lo, mas ainda estava a apalpar terreno. Eram um casal há apenas alguns meses. Embora fosse difícil resistir à tentação de lembrar a todos que lhe pertencia, Seth não lhe tocou. Ficou espetado, à espera, sem a pressionar. Era a única forma de agir com ela, percebera isso há mais de um ano. Esperou; a tensão aumentou; e então ela encostou-se a ele, enroscando-se nos seus braços e suspirando.

— Desculpa, tem de ser — Aislinn lançou um olhar preocupado a Keenan — coisas da Corte, sabes?

— Sei. — Seth passara mais horas do que gostava de pensar a ouvi-la tentar dar sentido às suas novas responsabilidades, completamente incapaz de a ajudar. Ela tinha uma longa lista de coisas que requeriam a sua atenção, e ele ficava simplesmente ali sentado, à espera.

— Mas continuamos combinados para o Crow's Nest amanhã, certo? — O tom dela era de preocupação.

— Encontramo-nos lá. — Sentiu-se culpado por ser egoísta, por lhe dar mais uma preocupação. Enrolou os dedos no cabelo dela, puxando-o gentilmente, até ela inclinar a cabeça para trás e beijá-lo. Queimava-lhe os lábios, a língua, quando estava nervosa ou preocupada — a dor não era insuportável, mas era o suficiente para ele não poder fingir que era a rapariga que ele conhecera. Quando se afastou, o ardor desaparecera. Estava calma novamente.



— Não sei o que faria sem ti. Sabes isso, não sabes? — Aislinn sussurrou-lhe.

Seth não respondeu, mas também não a largou. Tê-la nos braços era a melhor resposta que lhe podia dar. Ficaria sem ele, mais tarde ou mais cedo: era mortal; mas *essa* era uma conversa que Aislinn se recusava a ter. Tentara falar com ela, mas ela interrompera cada conversa com lágrimas ou beijos — ou ambos. A não ser que encontrassem uma forma de Seth pertencer ao seu mundo, acabaria por desaparecer, e seria Keenan a abraçá-la.

Era perturbador passar da fase de não querer fazer compromissos para a noite seguinte, para depois pôr tudo de lado na esperança de ganhar a confiança de Aislinn, e para agora pensar na eternidade. Ainda não tinha pensado bem na questão de casar e assentar, mas desde que ela estava nos seus braços e na sua vida, odiava pensar em estar em qualquer outro lado que não fosse com ela.

O Rei do Verão dirigira-se à mesa, e examinava os diagramas, as notas e gráficos de Aislinn. Apesar de ser uma situação muito estranha para todos, fazia muitas vezes questão de deixar Aislinn e Seth terem privacidade. No entanto, era óbvio que não era fácil para Keenan afastar-se.

Nem para a Ash.

Quinn aclarou a garganta quando voltou a entrar na sala.

— Acompanho-te à porta se estiveres pronto.

Seth nunca estava pronto para se afastar de Aislinn, mas também não fazia sentido ficar ali sentado a observá-la a murmurar com Keenan. Ela tinha responsabilidades; ambos precisavam de ter isso em mente — mesmo que essas responsabilidades incluíssem noitadas e festas com Keenan. Ela tinha um trabalho a fazer.

E Seth tinha...Aislinn. Era o que ele tinha: Aislinn, o mundo de Aislinn, as necessidades de Aislinn. Seth existia à margem do seu mundo, sem nenhum papel a desempenhar, sem poder, e sem vontade de se afastar. Não é que quisesse sair desse mundo, mas não sabia o que fazer para se integrar melhor nele.


E ela não quer falar disso.

— Até amanhã. — Seth beijou-a novamente e seguiu Quinn até à porta.





CAPÍTULO 3

Donia estava em casa — *a casa de Beira* — quando Keenan e Aislinn invadiram o seu espaço. Não era o seu lugar preferido, mas habituara-se a tratar de negócios lá e a manter a sua cabana para assuntos pessoais, onde só Evan e alguns guardas escolhidos podiam entrar.

E o Keenan. Sempre o Keenan.

Quando este entrou pela porta exageradamente esculpida, com o seu cabelo de cobre a brilhar como um farol, Donia quis ir ter com ele, quis fingir só por um breve momento que as décadas de História que partilhavam lhe davam o direito de estar tão à-vontade. Não davam, especialmente quando Aislinn estava ao seu lado. A atenção de Keenan a cada pensamento e acção da sua rainha roçava os limites da obsessão.

Será que a Ash se importava que me aproximasse dele?

Até certo ponto, Donia duvidava disso; fora a Rainha do Verão a arranjar-lhe o encontro com Keenan no Solstício de Inverno. Fora ela a insistir que Keenan amava realmente Donia, apesar de este nunca o ter dito. No entanto, Keenan não arriscaria demonstrar a mínima emoção quando estava perto de Aislinn.



Por isso ficaram todos no vestíbulo, desajeitadamente, rodeados por um grupo de Meninas-Espinheiro, que os observavam calmamente a partir dos bancos de igreja que revestiam as paredes. Sasha levantou a cabeça do chão, onde estava a descansar. O lobo olhou os Reis do Verão por um instante, fechou os olhos, e voltou a adormecer.

Evan, no entanto, não estava tão calmo. Aproximou-se de Donia.

— Devo ficar contigo?

Sem falar, assentiu com a cabeça. Evan era actualmente o seu amigo mais chegado; Donia suspeitava que já o era havia anos, até ela perceber que a sua protecção omnipresente não era um simples dever. Pensara que o facto de a guardar se devia ao medo que muitos guardas de Keenan tinham dela; mas, quando se tornou a nova Rainha do Inverno, Evan deixara a corte de Keenan para ficar do seu lado. Donia estendeu a mão e apertou a sua, numa gratidão silenciosa.

— As outras? — murmurou Evan.

— Ficam cá dentro. Saímos por trás. — ergueu a voz e disse: — Querem juntar-se a mim?

Keenan estava ao lado de Donia. Não lhe tocou, nem sequer lhe roçou a mão casualmente. Abriu a porta quando se aproximaram dela, tão à-vontade com a casa como ela. Fora a sua mãe, a última Rainha do Inverno, que vivera ali antes. Depois de segurar a porta para Donia e Aislinn, Keenan entrou no jardim. A neve e o gelo derreteram à sua passagem. *Antes disso que ter o Rei e a Rainha do Verão dentro de casa, onde estão as minhas fadas.* Donia não estava disposta a arriscar pôr as suas fadas em perigo, e enquanto que Aislinn podia controlar bem as emoções, Keenan era volátil até nos seus melhores dias. Sabia que, se observasse durante tempo suficiente, veria tempestades a rebentar nos seus olhos. No tempo em que estiveram juntos, esses clarões pareciam hipnotizantes. Agora, pareciam demasiado brilhantes, demasiado breves, demasiado tudo.

— Sejam bem-vindos. — Donia apontou para um dos bancos de madeira espalhados pelo jardim de Inverno. Eram construções inteligentes, montadas por artesãos hábeis, sem porcas nem parafusos nenhuns.

Keenan não se mexeu. Ficou especado no jardim, tão intocável como fora durante a maior parte do tempo da sua relação, fazendo-a sentir a sua falta, de alguma forma.

— Tens convidados? — perguntou.

— O que é que isso te interessa? — respondeu.

Não tenho de lhe dar satisfações, agora não.

Debaixo do banco, estava aninhada uma raposa-do-ártico. Só se



viam os seus olhos e nariz escuros no banco de neve. O resto do corpo confundia-se com o chão completamente branco. Quando Aislinn e Keenan se aproximaram — aquecendo o ar à sua volta— a raposa correu para a neve mais espessa, junto aos muros altos que rodeavam o jardim. Apesar da sua antipatia pela última Rainha do Inverno, Donia gostava imenso do jardim de Inverno: ao menos nisto, Beira fizera uma coisa sensata. Os muros e o telhado do jardim proporcionavam um pouco de Inverno durante todo o ano — um santuário nutritivo para ela e as suas fadas. Donia sentou-se num dos bancos.

— Procuras alguém em especial?

Ainda de pé, Keenan lançou-lhe um olhar exasperado.

— Bananach foi vista perto daqui.

Aislinn pôs-lhe a mão no braço para deter as suas palavras intempestivas.

— Embora tenha a certeza que estás a ser bem tratada aqui — a Rainha do Verão sorriu cegamente para Evan, que se tinha colocado atrás de Donia — o Keenan precisava de ver como estás. Não é, Keenan?

Keenan olhou para Aislinn, à procura de algo — certezas, clareza, era difícil perceber, com eles.

— Não quero que fales com a Bananach.

O chão encheu-se de neve por baixo dos pés de Donia, quando o seu temperamento se agitou.

— Porque é que estás aqui, exactamente?

Pequenas tempestades faiscaram-lhe nos olhos.

— Estava preocupado.

— Com quê?

— Contigo. — aproximou-se, invadindo o espaço dela, empurrando-a. Mesmo agora, que ela era sua igual, não tinha consideração pelos seus limites. Keenan passou a mão pelos cabelos de cobre. E tal como uma mortal enfeitada, Donia ficou a olhar, a olhar para ele.

— Estás preocupado comigo ou a tentar dar-me ordens? — ficou tão silenciosa como o Inverno antes de rebentar uma tempestade, mas sentia gelo a agitar-se dentro dela.

— Preocupa-me que tenhas a Guerra à porta. O Niall está furioso comigo, e... só não quero ninguém da Corte das Trevas perto de ti. — disse Keenan.

— A decisão não é tua. Esta é a *minha* corte, Keenan. Se eu quiser dar ouvidos à Bananach...

— E dás-lhe?

— Se a Bananach ou o Niall vierem cá, eu lido com eles, assim como



lidaria com SORCHA ou qualquer fada solitária... ou contigo. — Donia manteve o seu tom calmo.

Acenou para as Meninas-Espinheiro, que tinham ido para a entrada.

As fadas sempre silenciosas saíram, à deriva, e olharam para Donia expectantes. Eram a família que nunca pensou encontrar na fria Corte do Inverno. Sorriu para elas, mas não se deu ao trabalho de esconder a sua irritação quando disse a Keenan:

— A Matrice leva-te à porta. A não ser que haja assuntos pessoais que queiras tratar?

Os relâmpagos nos seus olhos brilharam novamente, iluminando-lhe o rosto com aquele estranho clarão.

— Não. Suponho que não.

Demasiado protectora, Matrice estreitou os olhos ao tom de voz dele.

— Bem, então se já acabámos com os nossos assuntos — Donia manteve as mãos relaxadas, recusando-se a mostrar-lhe que mesmo agora se sentia tentada a estender-lhe a mão para o acalmar — Matrice?

A raiva de Keenan desapareceu por instantes.

— Don?

Então, ela cedeu e tocou-lhe no braço, detestando que tivesse de ser ela — *mais uma vez* — a aproximar-se dele.

— Se *me* quiseres ver — não à Rainha do Inverno, mas *a mim* — és bem-vindo à cabana. Estarei em casa mais tarde.

Keenan assentiu com a cabeça, mas não concordou, não prometeu. Não o faria, a não ser que a sua verdadeira rainha não precisasse da sua atenção.

Por momentos, Donia odiou-a. *Se ela não estivesse aqui...* Claro que se Aislinn não se tivesse tornado a Rainha do Verão, Keenan andaria a cortejar mais uma mortal, à procura daquela que o libertaria.

Ao menos agora tenho uma parte dele. É melhor do que nada. Foi o que disse a si própria ao início, mas quando ele se afastou, dando a mão a Aislinn enquanto andavam, ao seguir as Meninas-Espinheiro de novo para dentro de casa, Donia perguntou-se se seria realmente melhor.

Nessa noite, Donia foi para a sua cabana com uma ilusão de solidão. No silêncio, Evan sem dúvida seguia no seu rasto. Se se concentrasse, veria as asas indefinidas da fada-espineiro nas sombras, ouviria a música harmoniosa das lupinas. Há um ano atrás, estes mesmos pormenores ter-lhe-iam instalado o pânico no coração. Evan tinha sido então uma das fadas de Keenan; e as fadas da Corte do Inverno tinham sido prenúncios de conflito, emissários da última Rainha do Inverno, que traziam ameaças e avisos.



Tanta coisa tinha mudado. Donia tinha mudado. O que não mudara foi o quanto ela ansiava pela atenção de Keenan, pela sua aprovação, pelo seu toque.

Lágrimas congeladas caíram ruidosamente ao chão quando pensou no impacto que esse anseio tinha na sua vida. Abdicara da sua mortalidade na esperança de ser a sua rainha perdida. *Não era*. Vira-o cortejar inúmeras mortais nessa busca, como se não a magoasse todas as vezes. *Magoava*. Deixara-se morrer, de livre vontade, às mãos da mãe de Keenan, para o ajudar a encontrar a sua rainha. *Mas não morri*.

Em vez disso, estava à cabeça da Corte que tinha dominado e oprimido a dele durante séculos — e a sua corte queria que continuasse assim. Uma mudança de clima demasiado grande e demasiado rápida não era boa para nenhum deles. A sua corte pressionava o assunto, apressando algumas demonstrações de força para lembrar a Keenan que continuavam a ser mais fortes. Mas no escuro, quando eram só eles os dois, Keenan sussurrava-lhe palavras doces de paz e harmonia.

Sempre no meio... por causa dele. E ele abandonava-me pela Ash se ela lhe pedisse...

Zangada consigo própria por se debater com isso, por pensar sequer nisso, Donia limpou violentamente as lágrimas que lhe rolavam pelas faces. Keenan não era dela, nunca seria realmente dela, e ela não conseguia evitar sentir-se aterrorizada com essa verdade inevitável.

Subiu para o alpendre.

E ali estava ele, à espera, o rosto belo carregado de preocupação, as mãos estendidas para ela.

— Don?

A sua voz continha todo o desejo que ela sentira por ele antes.

Toda a sua lucidez desapareceu quando ele abriu os braços para ela. Enroscou-se no seu abraço e beijou-o, sem se dar ao trabalho de controlar o gelo, sem querer saber se o feria.

Ele pára.

Mas em vez de a empurrar, ele puxou-a para si. Aquela horrível luz do sol que trazia na pele brilhou mais intensamente. A neve que tinha começado a cair à volta deles estava a derreter tão depressa como caía.

Donia estava encostada à porta. Não a tinha destrancado, mas mesmo assim abriu-se. Num vislumbre, apercebeu-se que Keenan tinha derretido a fechadura.

Ainda não é Solstício. Não devíamos. Não podemos...

Tinha cortes nos seus braços, onde ele lhe tocara, e bolhas nos lá-



bios. Enroscou-lhe os dedos no cabelo e puxou-o mais para si. A geada espalhou-se pelo pescoço de Keenan abaixo.

Ele vai parar. Eu vou parar. A qualquer momento.

Estavam no sofá, e pequenos fogos ardiam na almofada acima da cabeça de Donia. Deixou o seu Inverno sair ainda mais. A sala encheu-se com uma queda de neve intensa. Os fogos silvavam ao serem extintos.

Estou mais forte. Podia parar.

Mas ele estava a tocar-lhe. Keenan estava aqui, e tocava-lhe. Ela não parava. Talvez conseguissem fazer com que resultasse, talvez não houvesse problema. Abriu os olhos para olhar para ele, e a claridade cegou-a.

— Minha. — sussurrou, entre beijos.

As roupas dos dois não paravam de se incendiar, ardendo em fogo lento quando a neve extinguiu as chamas, apenas para voltarem a acender-se. Donia tinha bolhas na pele, onde as mãos de Keenan a tinham agarrado. Viam-se pedaços de pele queimada pelo gelo no peito e no pescoço dele.

Donia gritou, e ele afastou-se.

— Don — o seu rosto estava marcado pela dor. — não queria... — apoiou-se num braço para se levantar e olhou para os braços feridos dela. — Não te quero magoar.

— Eu sei. — deslizou para o chão, deixando-o sozinho no sofá a deitar fumo.

— Só queria conversar. — observou-a, preocupado.

Donia concentrou-se no gelo dentro de si, não em quanto ele ainda estava perto.

— Sobre nós ou sobre negócios?

— As duas coisas. — fez uma careta quando tentou arranjar a camisa esfarrapada.

Viu-o apertar os botões, como se isso fosse mantê-la no lugar. Nenhum deles falou enquanto ele se debatia com o tecido desfeito. Depois, Donia perguntou:

— Amas-me? Nem que seja um bocadinho?

Ele parou, com as mãos no ar.

— O quê?

— Amas-me?

Ficou a olhar para ela.

— Como podes perguntar isso?

— *Amas?* — ela precisava de o ouvir, alguma coisa, qualquer coisa.

Keenan não respondeu.

— Porque estás aqui, afinal? — perguntou Donia.

— Para te ver, para estar perto de ti.



— *Porquê?* Eu preciso de mais do que a tua luxúria. — não chorou quando o disse. Não fez nada para demonstrar o quanto estava a sofrer. — Diz-me que temos algo mais que isso. Algo que não nos destrua.

Ele era uma efígie iluminada pelo sol, belo como sempre, mas as suas palavras não eram belas.

— Don, vá lá. Sabes que é mais que isso. Sabes o que há entre nós.

— Saberei?

Keenan estendeu-lhe a mão. Essa estava a curar-se, mas ele estava ferido.

É isto que fazemos um ao outro.

Donia levantou-se e foi lá para fora, não precisava de ver a destruição dentro de casa.

Outra vez.

Keenan seguiu-a.

Ela encostou-se à cabana. *Quantas vezes estive aqui, a tentar afastar-me dele ou da última Rainha do Inverno?* Não queria repetir o que aconteceu da última vez que o Verão e o Inverno tentaram juntar-se.

— Não quero que nos destruamos um ao outro, como eles. — susurrou.

— Não somos como eles. Não és como a Beira. — não lhe tocou. Em vez disso, ela sentou-se no alpendre. — Não vou desistir de ti quando temos uma hipótese.

— Isto — apontou a destruição atrás de si — não é bom.

— Perdemos o controlo por um instante.

— Outra vez. — acrescentou ela.

— Sim, mas...podemos resolver isto. Eu não devia ter-me chegado a ti, mas estavas a chorar e... — apertou-lhe a mão — descontrolei-me. Fazes-me esquecer de mim próprio.

— Eu também. — Donia virou-se para encará-lo — Mais ninguém me enfurece ou excita desta maneira. Amei-te a maior parte da vida, mas não estou feliz com a forma como as coisas estão.

Ele parou.

— Que coisas?

Ela riu-se por instantes.

— Isso pode resultar com a tua outra rainha, mas eu conheço-te, Keenan. Vejo o quanto vocês se estão a tornar próximos.

— É a minha rainha.

— E estar com ela fortaleceria a tua corte. — Donia abanou a cabeça.

— Eu sei, sempre soube. Nunca foste meu.

— Ela tem o Seth.



Donia observou as Meninas-Espinheiro esvoaçando no meio das árvores. As suas asas brilhavam no escuro. Mediu as palavras.

— Ele vai morrer, como todos os mortais. E depois, o que acontece?

— Quero-te na minha vida.

— No escuro, quando ela não está por perto. Algumas noites por ano... — Donia pensou na mão-cheia de noites em que podiam realmente estar juntos, não eram mais que alguns momentos roubados. O sabor do que não podia ter tornava muito mais difícil aguentar os meses em que até um beijo era perigoso. Pestanejou e escorreram-lhe lágrimas geladas. — Não chega. Pensei que chegasse, mas preciso de mais.

— Don...

— Ouve. Por favor? — Donia sentou-se ao lado dele. — Estou apaixonada por ti. Amei-te o suficiente para morrer por esse amor... mas vejo que estás a tentar cortejá-la e mesmo assim vens bater-me à porta. O teu encanto não te vai permitir controlar-nos às duas. Nenhuma de nós é uma das tuas Meninas do Verão. — Donia continuou a falar gentilmente. — Aceitei a morte para te dar a tua rainha, mesmo que significasse perder-te, após anos de conflito.

— Não te mereço. — olhou para Donia como se ela fosse o seu mundo. Esse olhar, o mesmo olhar que a enganara inúmeras vezes, parecia conter todas as palavras que ela ansiava ouvir. Nos momentos que ela colecionava como tesouros, Keenan era o seu par perfeito. Mas os momentos não eram suficientes. — Nunca te mereci. — afirmou.

— Às vezes tenho a certeza disso... mas não te amaria, se isso fosse realmente verdade. Já vi o rei das fadas que podes ser, e a pessoa que podes ser. És melhor do que pensas, — tocou-lhe o rosto com cuidado — às vezes, melhor do que eu penso.

— Quero ser a pessoa que poderia ser contigo... — começou Keenan.

— Mas?

— Tenho de dar prioridade às necessidades da minha corte. Durante nove séculos, tudo o que quis foi chegar onde estou agora. Não posso deixar o quero, *quem* eu quero, meter-se no caminho do que é melhor para as minhas fadas. — Passou a mão novamente pelo cabelo, parecendo o rapaz que ela conhecera quando pensou que ele era humano.

Donia queria confortá-lo, prometer-lhe que ia correr tudo bem, mas não podia. Quanto mais o Verão se aproximava, mais o rei e Aislinn eram impelidos um para o outro. Só tinha vindo visitá-la algumas vezes desde que a Primavera começara. Hoje, viera para fazer exigências. Amá-lo não significava que o deixasse mandar nela, ou na sua corte.



— Compreendo. Tenho de fazer a mesma coisa... mas quero-te a ti, Keenan, não ao rei. — encostou a cabeça ao braço dele. Enquanto tivessem cuidado e não se esquecessem nem perdessem o controlo, podiam tocar-se. Infelizmente, quando lhe tocava era difícil controlar-se. Suspirou e acrescentou — Quero pôr as cortes de parte quando estamos juntos, e preciso que aceites que apesar de te amar não significa que lidar com a minha corte seja diferente de qualquer negócio teu. Não penses que o partilharmos significa que a minha corte é maleável.

Susteve o olhar dela enquanto perguntou:

— E se eu não conseguir fazer isso?

Donia olhou-o de relance.

— Então preciso que saias da minha vida. Não continues a tentar usar o meu amor para me manipular. Não esperes que não tenha ciúmes quando a trazes a minha casa e a olhas como se ela fosse o teu mundo. Quero uma relação verdadeira contigo... ou nada.

— Não sei o que fazer — admitiu. — Quando estou perto dela sinto-me enfeitiçado. Ela não me ama, mas quero que o faça. Se amasse, a minha corte seria mais forte. É como botões de flores a desabrochar ao sol. Não é uma escolha, Don, é uma necessidade. Ela é a minha cara-metade, e a sua decisão de sermos “amigos” enfraquece-me.

— Eu sei.

— Mas ela não... e não sei se se tornará mais fácil.

— Não te posso ajudar com isso — entrelaçou os dedos nos dele. — e às vezes odeio-vos aos dois por isso. Fala com ela. Arranja uma forma de ficares com ela ou de seres suficientemente livre para seres realmente meu.

— Ela não me ouviu quando tento falar disto, e não quero discutir com ela. — a expressão de Keenan era de encantamento. Até falar sobre ela o distraía.

Donia olhou-o, a mesma fada perdida que amara quase toda a vida. Fora ela a ceder quando estavam chateados, demasiadas vezes. E demasiadas vezes ajudara-o porque ambos tinham o mesmo objectivo: o equilíbrio entre o Verão e o Inverno. Suspirou.

— Tenta novamente, Keenan. Isto vai acabar mal se nada mudar.

Keenan beijou suavemente os seus lábios franzidos e disse:

— Ainda sonho que eras tu. Por muitas vezes que tenha procurado, nos meus sonhos foste sempre tu que devias ser a minha rainha.

— E seria, se a escolha fosse minha, mas não é. Tens de me deixar ou arranjar maneira de te afastares dela.

Puxou-a para si.



— Aconteça o que acontecer, não quero deixar-te. *Nunca*.

— Isso já é outro problema. — observou a geadá formar-se nos degraus debaixo dela. — Eu não fui feita para o Verão, Keenan.

— É assim tão errado querer uma rainha que me ame?

— Não. — sussurrou — Mas não está a resultar querer que duas rainhas te amem.


— Se fosses tu a minha rainha...

— Mas não sou. — deitou a cabeça no seu ombro.

Ficaram assim sentados, encostados cuidadosamente um ao outro, até de manhã.



CAPÍTULO 4

 Após quebrar o jejum, Sorcha convocou Devlin. Fiel à sua natureza, este chegou passado uns instantes. Na sua eternidade juntos, o seu irmão sempre fora de confiança, e previsível.

Ficou na ombreira da porta, em silêncio, enquanto ela atravessava o salão em toda a sua extensão. Os seus pés descalços não fizeram qualquer ruído quando subiu para o estrado e se sentou no único trono de prata polida. Visto dali, o salão cavernoso era belo. O seu *design* simétrico era agradável à vista. Esta sala — e apenas esta — não era da sua jurisdição. O Salão da Verdade e da Memória sujeitava-se apenas à sua própria magia. Outrora, quando a Corte das Trevas residia no Reino das Fadas, era ali que as disputas entre as cortes eram resolvidas. Outrora, quando partilhavam o Reino das Fadas, era ali que se faziam os sacrifícios. As pedras cinzentas como ardósia continham essas e muitas outras recordações.

Sorcha deslizou os pés sobre a terra e a pedra fria onde o seu trono estava colocado. Quando se vivia eternamente, a memória às vezes tornava-se ténue. O solo ajudava-a a concentrar-se no mundo feérico, a pedra mantinha-a fiel à verdade do Salão.

Devlin não se moveria até Sorcha estar instalada. De certa forma, a



sua fidelidade à ordem e às regras era essencial para Devlin. A estrutura ajudava-o a manter o caminho que escolhera. Para ela, a ordem era instintiva; para ele, era uma escolha que fazia a cada segundo de cada dia.

As palavras eram de protocolo, mas disse-as na mesma:

— Podes receber-me, minha senhora?

— Sim. — arranjou a saia, para que as pontas dos pés nus ficassem escondidas. Fios de prata brilharam nas suas mãos e faces; brilhavam também noutra parte do corpo que algumas vezes revelava, mas os seus pés descalços continuaram tapados. A prova da natureza da sua ligação ao Salão não era algo que se mostrasse à sua corte.

— Posso aproximar-me?

— Sempre, Devlin. — voltou a tranquilizá-lo, como já fazia há mais tempo do que ambos se conseguiam lembrar. — Mesmo sem perguntares, és bem-vindo.

— Honras-me com a sua confiança. — baixou o olhar para os seus pés escondidos. Sabia a verdade que Sorcha não partilhara com mais ninguém. A razão tornava claro para ambos que um dia, a sua confiança nele seria a causa da sua queda. A razão também tornava claro que não havia melhor alternativa: confiar nele assegurava a sua lealdade.

E ainda não caímos.

Devlin era os seus olhos e as suas mãos no reino mortal. Era a sua violência quando era necessário. Mas era também irmão de Bananach, facto que nenhum dos três alguma vez esquecia. Devlin via a irmã de ambos regularmente, cuidava da fada-corvo louca, apesar de os seus objectivos serem completamente desordeiros. A sua afeição por Bananach fazia com que Sorcha tivesse sempre uma réstia de dúvida acerca da sua lealdade, por muito tempo que lhe dedicasse e a servisse.

Passará um dia para o lado dela? Já terá passado?

— As fadas das Trevas derramaram o sangue de um dos seus mortais...em solo feérico. — começou Devlin. — Irás julgá-los?

— Irei. — mais uma vez, as palavras eram de protocolo: Sorcha julgava sempre. Era o que fazia a Razão.

Devlin voltou-se para ir buscar os acusados e as testemunhas, mas ela deteve-o levantando a mão.

— Depois disto, preciso que visites o mundo mortal. Há um mortal que se move dentro de três cortes sem restrições. — afirmou.

Fez uma vénia.

— Como desejares.

— A Guerra acha que ele é fundamental.

— Queres que o elimine ou que o traga?





— Nem uma coisa, nem outra. — Sorcha não estava certa de qual seria a atitude certa, mas não seria uma acção precipitada. — Traz-me informações. Vê o que eu não posso ver.

— Como desejares.

Sorcha voltou a concentrar-se no julgamento.

— Tragam-nos.

Instantes depois, quatro *Ly Ergs* foram trazidos à sala por guardas sob o comando de Devlin. Na terra dos mortais, o hábito que as fadas de mãos vermelhas tinham de derramar sangue não era uma preocupação; lá fora, a maior parte das depravações que aconteciam não diziam respeito a Sorcha. No entanto, estes quatro não estavam no mundo mortal.

Vários membros da sua própria corte seguiram os acusados para dentro da sala. Hira e Nienke, suas criadas e confidentes nos últimos séculos, vieram sentar-se na escada aos seus pés. Estavam vestidas com túnicas simples, que combinavam com o seu traje um pouco mais ornamentado e, como ela, estavam descalças.

Voltou-se para Devlin.

Este voltou-se, fazendo um ângulo, para não virar as costas à Rainha, mas encarar os *Ly Ergs* e a assistência do tribunal. Desta forma, conseguia ver toda a gente.

— O vosso Rei sabe que estão aqui? — perguntou aos *Ly Ergs*.

Apenas um respondeu:

— Não.

— A Bananach sabe?

Um dos quatro, mas não o mesmo, sorriu ironicamente.

— A Senhora da Guerra sabe que agimos conforme os seus desejos.

Sorcha franziu os lábios. Bananach era cautelosa, não agiria para permitir abertamente um ataque em terreno feérico, mas sem dúvida que o encorajaria.

Devlin olhou para Sorcha.

Ela assentiu com a cabeça bruscamente, e este cortou a garganta ao *Ly Erg*. O movimento foi firme, mas suficientemente rápido para ser silencioso.

Os outros três *Ly Ergs* viram o sangue a infiltrar-se na pedra. O Salão absorveu-o, bebendo à memória da fada morta. Os *Ly Ergs* tiveram de ser fisicamente impedidos de tocar no sangue. Era o seu sustento, a sua tentação, a razão para praticamente todas as acções que praticavam.

Seguiu-se uma escaramuça, quando os *Ly Ergs* tentaram alcançar o sangue derramado, o que ao mesmo tempo, agradava e desagradava a Devlin. Sorriu, franziu o sobrolho, e mostrou os dentes. Foi uma série



breve de expressões que a corte não veria. Sabiam que não deviam observar o rosto de Devlin quando estava a interrogar convidados indesejados.

Sorcha ouviu as verdades que o Salão partilhou consigo; apenas ela ouvia as palavras sussurradas que ecoaram pela sala. A Rainha Suprema sabia que os *Ly Ergs* não estavam a agir por ordem directa.

— Ela não lhes deu ordens específicas para vir para o Reino das Fadas.

As suas palavras atraíram todos os olhares para si.

O chão agitou-se ligeiramente quando a pedra se abriu e envolveu o *Ly Erg* na abóbada da sala. O solo debaixo dos seus pés humedeceu, e sentiu as veias prateadas na sua pele expandirem-se e infiltrar-se no Salão como raízes, alimentando-se do sacrifício necessário para a Verdade — e para a magia.

O sangue sempre alimentara a magia. Sorcha era o coração dessa magia. Como os seus irmãos, precisava do alimento do sangue e do sacrifício. No entanto, não retirava qualquer prazer disso; aceitá-lo era apenas uma questão prática. Uma rainha fraca não conseguiria manter vivo o Reino das Fadas, nem a magia que alimentava todas as fadas no mundo mortal.

— A morte do vosso irmão é uma consequência infeliz de pisar o Reino das Fadas sem consentimento. Não vieram ter contigo ao entrar no mundo feérico. Em vez disso, atacaram membros da minha corte, e sangraram um dos meus mortais. — Sorcha olhou os membros reunidos da sua corte, que a observavam com a mesma fé inabalável que sempre haviam tido. Apreciavam a estabilidade e segurança que a Rainha Suprema lhes proporcionava. — Lá fora, as outras cortes também têm direitos e poderes. No Reino das Fadas, o meu poder é absoluto. A vida, a morte e tudo o resto dependem apenas da minha vontade.

As suas fadas esperaram, sendo testemunhas silenciosas da inevitável restauração da ordem. Compreendiam o aspecto prático das suas escolhas. Não recuavam quando a atenção da Rainha recaía sobre elas.

— Estes três intrusos atacaram um dos meus mortais, nas minhas terras. Tal coisa não é aceitável. — Sorcha captou e susteve o olhar de Devlin enquanto este a observava, abaixo dela. — Um deles pode viver, para explicar a sua transgressão ao novo Rei das Trevas.

— Como a minha Rainha o desejar, assim seja. — afirmou ele, com a voz firme e nítida, em contraste com o brilho ténue que tinha nos olhos.

Os membros da corte baixaram o olhar, para que a sentença fosse levada a cabo. Compreender o derrame de sangue não era o mesmo que apreciá-lo. As fadas da Corte Suprema não eram grosseiras.

A maior parte, pelo menos.



Com um gesto lento e firme, Devlin passou uma lâmina pela garganta de outro Ly Erg. Aqui, no Salão, quando tocava o solo e a pedra, Sorcha sabia a Verdade: a lâmina não era tão afiada como devia, e o seu irmão retirava prazer no final destas mortes. Mais importante, sabia que ele apreciava o facto de que a sua acção dava à rainha o alimento que ela precisava, para que a Corte Suprema prosperasse; e apreciava que este fosse outro segredo que partilhavam.

— Pela nossa corte e por vontade e palavra da nossa rainha, as vossas vidas serão terminadas. — disse Devlin ao baixar o Ly Erg para o buraco escancarado que se abriu na pedra.

Repetiu esta acção, sacrificando a terceira fada.

Depois, estendeu-lhe a mão ensanguentada:

— Minha Rainha?

Com os pés no solo, soube que por um instante Devlin desejou que ela o repreendesse por desfrutar da morte dos *Ly Ergs*. Desafiou-a a puni-lo, ficando especado com sangue derramado na mão. Teve esperança que o fizesse.

A corte ergueu o olhar para o estrado.

Sorcha lançou um sorriso tranquilizador a Devlin e depois à corte.

— Irmão.

Os fios prateados na sua pele zumbiram energicamente quando voltaram a entrar-lhe na pele. Pegou na mão dele e desceu para o chão, agora imaculado, onde o último Ly Erg observava com desejo o sangue na sua mão.

— Nem o teu rei, nem Bananach têm autoridade no Reino das Fadas. Sigam as regras. — beijou-lhe a testa. — Desta vez ser-te-á concedida misericórdia em troca de informares o teu rei.

Voltou-se para o irmão e assentiu com a cabeça. Sem uma palavra, Devlin levou-a pelo meio das fadas, para longe do Salão e para o sossego do seu jardim. Isso era também uma rotina. Agiram de acordo com a ordem, e depois a rainha retirou-se para a calma da natureza e ele para o plano mortal.

No entanto, desta vez Devlin ia procurar o mortal errante. O tal Seth Morgan era uma aberração, e se as suas acções tinham chamado a atenção de Bananach, requeria mais investigação.



CAPÍTULO 5

Naquela tarde, quando Seth saiu dos corredores da biblioteca, Quinn estava à sua espera. A expressão do guarda era falsamente amigável.

— Não preciso de escolta. — murmurou Seth quando passou pelo guarda e foi ver os seus novos livros de folclore.

A sua objecção era irrelevante.

Quando Seth enfiou os livros na mochila, Quinn dirigiu-se para a saída.

— Estás pronto?

Seth preferia ir sozinho, mas não conseguiria convencer o guarda a desobedecer a ordens. O mundo era perigoso para um frágil mortal. Aislinn insistia que os guardas cuidassem dele constantemente. Seth compreendia, mas cada vez era preciso esforçar-se mais para conter respostas agressivas e não tentar fugir.

O que é estúpido.

Caminhou em silêncio, passando à frente de Quinn, e continuou calado a caminho do Crow's Nest, onde encontrou Niall à espera, à entrada do bar. O Rei das Trevas estava encostado à parede, a fumar um cigarro



e a bater o pé ao ritmo de uma música qualquer que tocava lá dentro. Ao contrário de Keenan e Aislinn, Niall não tinha guardas a acompanhá-lo ou por perto, à espreita. Era só ele — e era uma visão muito bem-vinda.

Quinn lançou-lhe um olhar de desprezo.

— Ele já não é da nossa corte.

Niall ficou em silêncio enquanto Quinn o olhava de testa franzida. Tinha mudado, desde que se tornara o Rei das Trevas; a diferença mais evidente era que estava a deixar crescer o cabelo, que dantes estava rapado. Mas não era essa a verdadeira diferença — quando Niall estava na corte de Keenan, movia-se com precaução, como se fosse essencial estar atento a potenciais ameaças. Não importava onde estivessem; até na segurança das águas-furtadas, Niall estava vigilante. Agora, mantinha-se descontraído. O seu desinteresse e descontração mostravam que nada nem ninguém podia feri-lo — o que, geralmente, era verdade. Os chefes das cortes eram vulneráveis apenas aos outros monarcas no poder, e a algumas fadas solitárias de influência excepcional. Niall, como Aislinn, era praticamente imune a qualquer golpe fatal.

Quinn baixou a voz e acrescentou:

— Não se pode confiar na Corte das Trevas. A nossa corte e a deles não se misturam.

Seth abanou a cabeça evitando sorrir. A postura intencionalmente provocadora de Niall, a forma como Quinn se deslocou, como se se preparasse para um ataque — há apenas algumas semanas, Niall teria reagido da mesma forma ao último Rei das Trevas. *É tudo relativo*. Niall mudara. Ou talvez sempre tivesse estado pronto para provocar conflitos, como agora, e Seth não tivesse reparado.

Seth susteve o olhar de Niall e perguntou:

— Queres fazer-me mal?

— Não. — Niall lançou um olhar mortífero a Quinn. — E sou bastante mais capaz de te manter em segurança do que o lambe-botas do Keenan.

Quinn mostrou-se irritado, mas não falou.

— Em lugar nenhum estarei mais seguro do que aqui. A sério. — disse Seth a Quinn num tom normal, não deixando transparecer diversão nem irritação. — O Niall é meu amigo.

— E se...

— Céus, vai-te embora. — Niall interrompeu-o e avançou na direção deles, com um ar ameaçador, que lhe assentava demasiado bem. — O Seth está seguro comigo, eu não poria um amigo em perigo. Quem faz isso é o *teu* rei, que trata os seus amigos com tanto desleixo.



— Acho que o nosso rei não iria aprovar. — insistiu Quinn, falando apenas para Seth, olhando apenas para ele.

Seth arqueou uma sobrancelha.

— *Eu* não tenho rei. Sou mortal, lembra-te?

— Terei de reportar isto ao Keenan. — Quinn esperou alguns minutos, como se a ameaça afectasse Seth. Quando se tornou aparente que não afectava, virou costas e foi-se embora.

Quando deixou de o ver, Niall perdeu a expressão ameaçadora.

— Imbecil. Nem acredito que o Keenan o promoveu a conselheiro. É um graxista sem moral, e... — interrompeu-se a si próprio. — Não é da minha conta. Anda.

Abriu a porta e entraram na obscuridade generalizada do Crow's Nest. Era frio e húmido, mas de uma forma reconfortante; sem pássaros a esvoaçar nem Meninas do Verão a saltitar. Ali, Seth sentia-se à vontade. Quando ainda tinha os pais por perto, passara ali muitas tardes com o pai. Na verdade, Seth tinha praticamente crescido no Crow's Nest. O espaço tinha mudado, mas ao observá-lo, Seth ainda conseguia ver a mãe atrás do bar a desprezar o tolo que cometesse o erro de pensar que ela era uma ingénua. Era mais um *bulldozer*. Linda era pequena, mas o que lhe faltava em tamanho compensava em temperamento. Seth não tinha mais de catorze anos quando percebeu que a presença do pai no bar era apenas uma desculpa para estar perto de Linda. Ele dizia que estava aborrecido em casa, que estava farto da reforma, inquieto por não ter emprego; por isso, fazia pequenas reparações no bar. Mas não era tédio, era tudo para estar mais perto de Linda.

Tenho saudades deles. Seth deixou-se invadir pelas memórias, aqui podia fazê-lo. Actualmente, era a coisa mais parecida com uma casa de família que possuía.

Linda nunca chegara a ter instinto maternal. Amava-o, não tinha qualquer dúvida disso. Mas quando casou com o pai dele não foi com esperança de assentar e começar uma família. Assim que Seth teve idade suficiente, arranjou outro esquema para ir para outro lado qualquer. O seu pai encolheu os ombros e foi atrás, sem hesitar.

E sem pensar sequer em levar-me também.

Seth parou aquela corrente de pensamentos quando Niall abriu caminho para uma mesa que estava no canto mais escuro da sala. Passaram pelos consumidores mais resistentes, que já tinham bebido bastantes cervejas naquela tarde. A clientela a meio do dia era uma mistura estranha de funcionários de escritório, motoqueiros e desempregados ou pessoas cujos empregos sazonais aguardavam pela época alta.



Escolheram uma mesa com alguma privacidade, e Seth abriu um dos menus desgastados que tinha tirado da mesa do lado.

— Não mudou. — Niall apontou para o menu. — E tu vais pedir o do costume.

— É verdade, mas gosto de olhar para ele. Gosto que não tenha mudado. — Seth acenou a uma das empregadas de mesa e fez o pedido.

Depois, quando estavam só os dois, Niall lançou-lhe um olhar estranho e perguntou:

— Pareço-te o mesmo?

— Há mais sombras — Seth gesticulou no ar, à volta de Niall, onde formas sussurrantes balançavam e se entrelaçavam umas nas outras, em espirais. — à tua volta, e isso dos olhos estranhos é novidade. E é mais assustador do que com a Ash. Geralmente, nos dela aparecem mares e coisas agradáveis, mas nos teus? Há seres estranhos e sombrios.

Niall não pareceu muito feliz com esse pormenor.

— O Irial ainda tem os mesmos olhos.

Seth sabia que era melhor não avançar com *essa* conversa. A relação de Niall com o último Rei das Trevas não era um assunto que se devesse puxar quando Niall já estava melancólico. Em vez disso, Seth disse-lhe:

— Pareces mais feliz.

Niall fez um som rude que poderia ser uma gargalhada.

— Acho que não lhe chamaria isso.

— Talvez mais confortável na tua pele, então. — Seth encolheu os ombros.

Desta vez Niall riu a sério, um som que pareceu fazer com que toda a gente na sala — tirando Seth — tremesse ou suspirasse ansiosamente. Sem pensar, Seth tocou na pedra que usava num cordão à volta do pescoço. Era um amuleto anti-encantamento que Niall lhe oferecera; discutivelmente, servia para o proteger do apelo que Niall fazia aos seus piores defeitos e que era impossível de conter, mas tinha o efeito secundário benéfico de o ajudar a resistir também a outras magias feéricas.

O Keenan nunca me ofereceu nem sequer referiu amuletos... Seth abanou a cabeça. Não era segredo que o Rei do Verão nunca faria nada, voluntariamente, para facilitar a vida a Seth. Se Aislinn sugerisse alguma coisa, Keenan cooperava sem hesitar, mas nunca tomava a iniciativa. Quando Niall se tornou o Rei das Trevas, ficou livre para partilhar todo o tipo de conhecimentos com Seth.

Niall perguntou, quase casualmente:

— Falaste do amuleto à Ash?

— Não. Sabes que ela ia perguntar ao Keenan porque é que ele não



me deu um primeiro... e não sei se quero ser a causa de mais uma discussão entre eles.

— És um idiota. *Eu* sei porque é que ele não te deu um amuleto, e tu também sabes. E se a Ash descobrisse, ficava a saber também.

— Mais uma razão para não lhe contar. Está a passar uma fase difícil, com as mudanças e a tentar equilibrar as cortes. — disse Seth.

— E se ele puder, vai usar tudo isso em seu proveito. Ele... — Niall interrompeu-se, com um olhar feroz.

Seth seguiu o olhar de Niall. Uma fada de cabelo escuro, com desenhos pintados com anil no rosto e nos braços, como os guerreiros dos quadros de batalhas Célticas, estava cercada por um grupo de seis fadas mais baixas, com as mãos manchadas de vermelho. A imagem de um corvo tremeluzia por cima do rosto da fada feminina. O cabelo preto azulado que, de alguma forma, eram também penas, chegava-lhe à cintura, em caracóis emaranhados. Ao contrário da maior parte das fadas, tanto o seu disfarce de mortal como as características de pássaro estavam visíveis, dominando alternadamente.

— Não te metas. — Niall afastou a sua cadeira da mesa quando ela se aproximou.

Inclinou a cabeça de uma forma que, decididamente, não era humana.

— Que surpresa agradável, *Gancan*...

— Não. — o temperamento de Niall fez surgir verdadeiras espirais de sombras, invisíveis para os mortais Sem-Visão que estavam no bar. — *Gancanagh*, não; *Rei*. Ou já te esqueceste?

A fada que falara não recuou; em vez disso, deixou o seu olhar vaguear lentamente sobre Niall.

— É verdade. Há dias em que as coisas ficam enevoadas na minha cabeça.

— Não é por isso que escolheste não dizer o meu nome. — Niall ainda não se levantara, mas tinha inclinado o corpo para uma posição que facilitava qualquer movimento brusco.

— Demasiado verdadeiro. — a postura da fada-pássaro tornou-se tensa. — Lutarias comigo, meu *rei*? As batalhas de que preciso ainda não estão suficientemente próximas.

Seth sentiu a tensão aumentar cada vez mais. As outras fadas tinham dispersado, assumindo os seus postos por todo o Crow's Nest. Pareciam animadas.

— É isso que queres? — Niall levantou-se.

Ela lambeu os lábios.





— Uma rixazinha ajudava-me.

— Estás a desafiar-me? — estendeu a mão e passou-a pelo cabelo de penas da fada.

— Ainda não. Não quero um verdadeiro desafio, mas sangue... sim, quero sangue. — inclinou-se para a frente e fechou a boca com um estalido audível, e Seth perguntou-se se ela teria realmente um bico.

Niall fechou o punho no seu cabelo e afastou-a de si.

Ela balançou como se estivessem a dançar.

— Podia perguntar pelo Irial. Podia referir o quanto ele está ferido por recusares o seu... aconselhamento.

— Cabra.

— É só isso que recebo? — olhou-o com raiva. — Uma palavra? Venho sem derramar sangue, venho à tua procura. E recebo uma *palavra*? É assim que me tratas depois de...

— Niall esmurrou-a.

Ela tentou golpear-lhe o braço ainda esticado, com a faca branca como osso que tinha agora na mão.

Eram demasiado rápidos para Seth acompanhar. O que ele conseguia ver era que a fada estava a aguentar-se muito bem. Em pouco tempo, Niall tinha uma série de cortes que pareciam, na sua maioria, pouco profundos. Ele puxou-a pelas pernas, mas ela já estava de pé e em cima dele ainda antes de cair ao chão.

No meio da confusão, parecia ter um bico de corvo e garras, para além da faca pequena. Os guinchos da sua boca parecida com um bico eram sons horríveis, gritos de batalha que pareciam chamar as outras fadas para o seu lado. Em vez disso, as fadas que vieram com ela sentaram-se nas mesas e nos bancos, assistindo em silêncio.

Niall prendeu-a por instantes, numa espécie de abraço — as costas dela contra o peito dele.

Ficou quieta por momentos. A expressão no seu rosto era embaraçosa de ver: não era tristeza, mas um prazer íntimo. Suspirou.

— Quase vale a pena lutar contigo.

Então atirou a cabeça para trás, contra a cara de Niall, com tanta força que este ficou a sangrar do nariz e da boca.

Apesar disso, Niall não a largou. Em vez disso, soltou a mão direita e agarrou-lhe a cabeça. Absorveu-lhe a energia e atirou-a ao chão. Manteve-a no chão com uma mão a segurar-lhe a cabeça e metade do corpo em cima dela. Niall ficou ali, com o corpo a prender a fada imóvel.

Ela voltou o rosto ensanguentado para o dele, e os dois sustiveram o olhar um do outro.



Sentindo-se desconfortável, Seth olhou para o lado e apercebeu-se que a empregada de mesa estava de pé ao lado dele. Disse qualquer coisa.

— O quê?

A empregada falou novamente.

— O Niall. Não o vi sair. Ele ainda volta?

Com um susto, Seth lembrou-se que ela não conseguia ver as fadas. Só ele tinha visto a luta. Só ele os tinha visto ensanguentados e enrolados um no outro. Assentiu com a cabeça.

— Sim, volta.

A empregada lançou-lhe um olhar estranho.

— Estás bem?

— Sim. Só... assustaste-me. — sorriu. — Desculpa.

A empregada assentiu com a cabeça e dirigiu-se a outra mesa.

Atrás dele, Seth ouviu Niall dizer:

— Querida?

Seth voltou-se e viu Niall de pé, estendendo a mão para a fada.

— Já acabámos?

— Mmmm. Fazemos uma pausa, mas não acabámos. Só acabamos quando morreres. — agarrou-lhe a mão e, com a delicadeza líquida que caracterizava tantas fadas, levantou-se. Tinha o olhar desfocado quando tocou na face com cuidado. — Foi bom, meu Rei.

O Rei das Trevas assentiu com a cabeça. Não desviou o olhar dela.

— Vou ter contigo esta noite. — sussurrou, no que parecia ser tanto uma ameaça como uma proposta.

Depois virou a cabeça numa série de movimentos curtos e bruscos, localizando, infalivelmente, cada uma das seis fadas de mãos vermelhas. Dirigiram-se a ela em uníssono. Sem trocar nem mais uma palavra, o grupo foi-se embora, tão subitamente como chegou.

Niall olhou para Seth de relance.

— Volto já.

Saiu também, e Seth ficou ali sentado, atordoado pela violência sem sentido, e sem saber o que pensar disso.

Seth apercebeu-se que outra pessoa tinha visto a luta: uma fada, invisível aos olhos Sem-Visão dos mortais, olhava-o do outro lado da sala. O seu cabelo branco e áspero estava puxado para trás, preso num pequeno carrapito, no topo da cabeça. Os seus traços eram fortes e angulosos, de uma forma que parecia esculpido. Era um tipo de escultura diferente das que Seth criava, mas nesse instante, as suas mãos desejaram um bloco de pedra escura para tentar esculpir uma peça oposta. A fada pálida estava especada a olhar, e por um momen-



to Seth perguntou-se se estaria viva. Era tão inflexível que a ilusão de ser esculpida era perfeita.

Minutos depois, quando Niall regressou, não estava tão ensanguentado. O seu disfarce humano escondia o estado da roupa e os cortes na pele, por isso o único mortal que via que algo tinha mudado era Seth.

Quando Niall voltou a sentar-se à mesa, Seth perguntou-lhe:

— Conheces?

Niall seguiu o olhar de Seth para o lado da sala onde estava espedada a fada com aparência de estátua.

— Infelizmente. — Niall tirou uma cigareira do bolso e pegou num cigarro. — O Devlin é o “pacificador” da Sorcha, ou o seu marginal, dependendo do ponto de vista.

A fada Devlin sorriu-lhes placidamente.

— E não estou com disposição para lidar com ele. — acrescentou Niall, sem desviar a sua atenção de Devlin. — Hoje em dia, muito poucas fadas são suficientemente fortes para me testar. Ela é, e infelizmente, ele também.

Sem perceber como aquele dia se tinha tornado tenso tão subitamente, Seth voltou a olhar de relance para Devlin, que se aproximava da mesa deles.

Parou, ainda invisível, e disse a Niall:

— Vêm aí problemas, meu amigo. A Sorcha não é o único alvo.

— Alguma vez foi? — Niall acendeu o isqueiro.

Sem ser convidado, Devlin puxou uma cadeira e juntou-se a eles.

— A Sorcha já gostou de ti. Isso devia importar, até a ti. O que ela precisa é...

— Não quero saber, Dev. Vês o que sou agora...

— Controlas o teu destino.

Niall riu-se.

— Não, isso não. Isso nunca.

Seth não sabia o que fazer, mas quando tentou levantar-se, Niall agarrou-lhe o antebraço.

— Fica.

Devlin observou, aparentemente impassível.

— É teu?

— É meu amigo. — corrigiu Niall.

— Ele vê-me, e *viu-a*. — o tom de Devlin não era de acusação, mas mesmo assim era alarmante. Não é suposto os mortais terem a Visão.

— Ele tem. Se o tentares levar — Niall mostrou os dentes, rosnando de forma animalesca — nem qualquer gentileza que outrora senti pela tua



rainha nem qualquer amizade por ti vão parar a minha raiva. — Depois olhou de relance para Seth. — Não vás com ele a lado nenhum. Nunca.

Seth ergueu uma sobrancelha, em sinal de dúvida.

Devlin continuou imóvel.

— Se a Sorcha quisesse que o levasse, o mortal já não estava aqui. Ela não ordenou que o recolhesse. Estou aqui, agora, a avisar-te de problemas na tua corte.

— E depois vais reportá-los à tua rainha.

— Evidentemente. — Devlin lançou a Niall um olhar que ultrapassava o desdém. — Reporto tudo à minha rainha. Sirvo a Corte Suprema em tudo. Tem atenção às palavras da minha irmã.

Depois, levantou-se e saiu.

Niall esmagou o primeiro cigarro, que não chegou a fumar, e pegou noutra.

— Queres explicar-me alguma coisa do que se passou? — Seth gesticulou, apontando à volta da sala.

— Nem por isso. — Niall acendeu o cigarro e tirou uma passa demorada. Segurou o cigarro na sua frente, com um ar estupefacto. — E sinceramente, nem sei se *consigo* explicar.

— Estás em perigo?

Niall expirou e sorriu.

— Esperemos que sim.

— E eu?

— Da parte do Devlin, não. Teria tentado levar-te se tivesse sido mandado aqui para isso. — Niall olhou de relance para a porta por onde tinha saído a fada da Corte Suprema. — O Devlin vem cá tratar de negócios da Corte Suprema porque a Sorcha raramente caminha entre os mortais.

— E a fada que te atacou?

Niall encolheu os ombros.

— É um dos seus passatempos. Adora violência, discórdia, dor. Controlá-la é um dos muitos desafios que o Irial me deixou. Ele ajuda-me, mas... custa-me confiar nele.

Seth não soube o que responder a isso. Ficaram num silêncio constrangedor durante vários minutos.

A empregada parou para limpar as mesas perto deles — outra vez. Observou Niall com um interesse flagrante, como a maior parte das fadas e dos mortais. Niall era um *Gancanagh*, sedutor e viciante. Até se tornar Rei das Trevas, o seu afecto era também mortal para as suas parceiras.

— Quem era ela? A fa... — Seth não acabou de dizer a palavra pois a



empregada veio à mesa trazer um cinzeiro limpo. Disse-lhe — Nós chamamos-te se precisarmos de alguma coisa.

— Não me importo de parar, Seth. — franziu-lhe o sobrolho antes de voltar a sua atenção para o Rei das Trevas. — Niall... precisas de alguma coisa?

— Não. — Niall acariciou-lhe o braço nu. — És sempre boa para nós. Não é, Seth?

Depois da empregada se afastar, a suspirar e a olhar para trás na direcção de Niall, Seth revirou os olhos e murmurou:

— Devíamos dar esses teus encantos a toda a gente aqui.

Um sorriso substituiu a expressão sombria de Niall.

— Desmancha-prazeres.

— Aproveita, aproveita a atenção, mas reserva-a para as fadas. — aconselhou Seth.

— Eu sei. Só preciso — o Rei das Trevas encolheu-se, como se esse pensamento o magoasse — só preciso que continues a lembrar-me. Não quero ser como o Keenan, ou como era o Irial.

— Como? — perguntou Seth.

— Um sacana egoísta.

— És um rei das fadas, meu. Não sei que escolha tens. E com o que acabou de acontecer com a fada-corvo...

— Pára. Se me deixasses, poupava-te a ti e a mim o facto de saberes das coisas desagradáveis que se passam na minha vida.

Seth levantou a mão num gesto hesitante.

— Tu é que sabes. Não vou julgar-te, de qualquer das formas.


— Então és só tu. — murmurou Niall. Depois de um momento de pausa, endireitou os ombros, rodando-os para trás, como se testasse a sua mobilidade. — Suponho que o verdadeiro dilema é para onde dirigir a minha sacanice.

— Ou então... sabes esforçar-te mais para lhe resistir.

— Claro. — A expressão de Niall era branda, quando acrescentou — *é exactamente* isso que é suposto fazer o Rei das Trevas: resistir à tentação.



CAPÍTULO 6

 **A**islinn estava a alimentar os pássaros quando Keenan entrou, a bater com as portas e a franzir o sobrolho. Um dos papagaios agarrou-se à parte de trás da saia dela e enfiou o bico através do cabelo dela para espreitar o Rei do Verão. Os pássaros eram uma fonte de conforto para Keenan. Às vezes, num dos seus acessos de melancolia ou irritação, sentar-se e observá-los era uma das poucas coisas que o acalmava. Os pássaros pareciam saber do seu valor e agiam de acordo com isso. Hoje, contudo, Keenan não parou perto deles.

— Aislinn. — disse, em forma de saudação, antes de passar por ela em direcção ao escritório.

Ela ficou à espera. O papagaio levantou voo. Nenhum dos outros pássaros se aproximou dela. Em vez disso, pareciam observá-la de forma expectante. Os papagaios levantaram as cristas. Os outros pássaros olhavam simplesmente para ela — ou na direcção em que tinha seguido Keenan. Alguns grasnavam ou chilreavam.

— Está bem, eu vou vê-lo.

Seguiu-o até ao escritório. A divisão era uma das duas que eram só de Keenan. Na outra — o seu quarto — Aislinn nunca tinha entrado, mas



o escritório geralmente era para onde iam quando só estavam os dois. Sentia-se estranha se entrasse lá sem ele. As Meninas do Verão às vezes enroscavam-se no sofá a ler, mas essas não tinham interesse em manter a distância com Keenan, ao contrário de Aislinn. Quanto mais o Verão se aproximava, mais ela se sentia atraída para ele, coisa que não queria.

Aislinn deixou-se ficar na ombreira da porta, tentando não se sentir ansiosa por estar no espaço dele. Ele estava sempre a dizer-lhe que as águas-furtadas eram tanto dela como dele, que agora *tudo* era dela. O nome dela estava em contas de lojas, cartões de crédito e cartões bancários. Ela ignorava-os, por isso Keenan tentou gestos mais subtis, coisas que achava que a fariam sentir-se em casa nas águas-furtadas. *Pequenos fios para me prender*. À primeira vista, não era óbvio que Keenan tinha mudado o escritório novamente, mas se olhasse em volta, pequenas coisas tinham mudado na divisão sombria. Aislinn não vivia ali, mas ultimamente passava lá tempo suficiente para ser uma segunda — *terceira* — casa. As suas noites eram divididas entre a casa da avó, a de Seth, e as águas-furtadas. Tinha roupa e artigos de higiene pessoal nos três lugares. A sua verdadeira casa, o apartamento que partilhava com a avó, era o único sítio onde era tratada como se fosse normal. Em casa, não era uma rainha das fadas; era apenas uma rapariga que precisava de ser um bocadinho melhor a matemática.

Enquanto estava à porta, hesitante, Keenan sentou-se na ponta de um sofá de cabedal castanho-escuro. Alguém tinha trazido um jarro de água gelada; as gotas de condensação escorriam pelos lados do jarro, como pequenos riachos. Fizeram uma poça na superfície da placa de ágata que servia de mesa de café. Keenan atirou uma das almofadas novas, uma coisa verde-escura de tamanho exagerado, sem qualquer decoração ostentosa.

— A Donia não me quer ver.

Aislinn fechou a porta atrás de si.

— Qual é o motivo desta vez?

— Talvez seja por ter perguntado por Bananach. Talvez seja ainda por causa desta questão com o Niall. Talvez seja... outra coisa. — Keenan interrompeu esse pensamento e franziu o sobrolho.

— Ela falou contigo, ao menos? — Aislinn pousou-lhe a mão no braço por instantes, antes de ir sentar-se na outra ponta do sofá. Mantinha a distância por hábito, quebrando-a apenas por protocolo ou gestos de amizade, mas a cada dia se tornava mais difícil mantê-la.

— Não. — fui detido à porta *outra vez*, não me deixaram entrar na



casa. “Só se forem assuntos oficiais”, disse-me o Evan. Há três dias que não está disponível, e agora isto.

— O Evan está só a fazer o trabalho dele.

— E a gostar, de certeza.

Keenan não lidava bem com nenhum tipo de rejeição; Aislinn percebera isso quando ainda era mortal.

Mudou de assunto.

— Parece-me estranho que a Donia ficasse chateada agora por causa do Niall, ou por termos perguntado por Bananach.

— Exactamente. Assim que o Niall acalmar, pode ser benéfico para ambas as cortes que ele seja o Rei das Trevas. Ela...

— Não. Quero dizer, no outro dia ela parecia bastante calma quando viemos embora. Não estava feliz, mas também não parecia realmente zangada. — Aislinn abraçou uma almofada como se fosse um peluche gigante. Falar das complicações das relações e cortes das fadas, e de rancores feéricos com séculos de História fazia-a sentir-se tão jovem. Muitas das fadas podiam parecer — e muitas vezes, agir — como os seus colegas de escola, mas toda a questão da longevidade complicava muito a vida. Relações curtas estendiam-se por décadas; amizades longas prolongavam-se ao longo dos séculos; traições de ontem, de há décadas e séculos atrás, todas feriam profundamente. Era um caminho difícil.

— Está a escapar-me alguma coisa? — perguntou.

Keenan olhou-a com uma expressão pensativa.

— Sabes, o Niall era assim. Ajudava-me a concentrar, ia directo ao assunto... — as suas palavras dissiparam-se, à medida que pequenas nuvens se moveram nos seus olhos, uma promessa de chuva ainda por cumprir.

— Tens saudades dele.

— Tenho. Decerto é um grande rei... só gostava que não fosse de uma corte tão vil. Não lidei bem com este assunto. — afirmou.

— Ambos errámos. Eu ignorei coisas às quais devia ter reagido, e tu — Aislinn deteve-se. Voltou a falar, mais uma vez, nas traições de Keenan e as respectivas consequências para Leslie e Niall, não ajudava. — Ambos cometemos erros.

Aislinn também era responsável por Leslie ter sido apanhada no coração da Corte das Trevas. Desapontara uma das suas amigas mais próximas — e desapontara Niall. Aislinn partilhava o peso da responsabilidade pelas acções da Corte do Verão. Era por isso que tentava criar uma relação mais próxima com Keenan: tinham responsabilidades conjuntas, e se ela ia arcar com as culpas das suas acções menos agradáveis, precisava de saber quais eram com antecedência.



E impedi-las se forem horríveis.

— E eles fizeram más escolhas, não somos responsáveis por isso. — Keenan não o poderia ter dito se fosse uma mentira, mas era uma opinião. As opiniões eram um território duvidoso em relação à regra de não mentir das fadas.

— Também não somos inocentes. Escondeste-me certas coisas... e eles pagaram as conseqüências. — Aislinn não o tinha perdoado totalmente por usar Leslie e Niall, mas ao contrário de Donia, não tinha outra hipótese a não ser dar-se bem com o Rei do Verão. A não ser que um deles morresse, estavam ligados um ao outro para sempre, ou até deixarem de reger a Corte do Verão — e os chefes das fadas geralmente governavam as suas cortes durante séculos. Era quase uma eternidade.

A eternidade com o Keenan. Esse pensamento ainda a aterrorizava. Ele não se inclinava muito para dividir o poder com ela de forma igual, e ela não estava habituada a lidar com fadas. Antes de se transformar numa fada monarca, a sua forma de “lidar” com elas era evitá-las. Agora, tinha de as governar. Ele já tinha tido nove séculos a governar sem o seu poder total. Era difícil dizer que devia ter tanto poder como ele, mas a alternativa — ter responsabilidade pelas conseqüências, mas não participar nas decisões — não era a solução.

E desde que se tinha tornado sua rainha, as fadas do Verão tornaram-se importantes para Aislinn. O seu bem-estar era importante; a sua felicidade e segurança eram essenciais. Era tão instintivo como a necessidade de ajudar o Verão a fortalecer-se, mas isso não significava que todos os outros devessem ser sacrificados em nome do seu progresso. Keenan não compreendia isso.

Abanou a cabeça.

— Não vamos chegar a acordo nisto, Keenan.

— Talvez, — Keenan olhou-a com um afecto tão explícito que ela sentiu os raios de sol debaixo da pele reagirem — mas pelo menos não te recusas a falar comigo.

Aislinn chegou-se mais para o canto do sofá, transmitindo-lhe uma mensagem implícita nesse movimento.

— Quanto a isso, não tenho escolha. Mas a Donia tem.

— Tens escolha. Mas és...

— O quê?

— Mais sensata. — não escondeu o sorriso que surgiu, mal acabou de falar.

A tensão que crescia dentro de Aislinn desvaneceu-se com o seu sorriso fácil. Riu-se.



— Nunca fui tão insensata como nos últimos meses. A forma como mudei... os meus professores comentaram. Os meus amigos, a minha avó, até o Seth... As minhas mudanças de humor são horríveis.

— Comparada comigo, és bastante tranquila. — os seus olhos brilhavam, sabia o quanto Aislinn se tinha tornado volátil. Mais do que ninguém, tinha sido alvo do seu temperamento.

— Se és tu o termo de comparação, não sei se conta como sensatez. — relaxou novamente. Durante a sensação de estranheza dos últimos meses, Keenan encontrara formas de a animar. Em grande parte, era o que a fizera aguentar-se como Rainha do Verão. A amizade dele e o amor de Seth eram os seus pilares.

O sorriso de Keenan mantinha-se, mas a súplica nos seus olhos era verdadeira, quando lhe perguntou:

— Talvez pudesses falar com a Don? Talvez explicar-lhe que tenho saudades dela. Talvez pudesses dizer-lhe que fico triste quando não posso vê-la. Dizer-lhe que preciso dela.

— Não devias ser tu a dizer-lhe?

— Como? Ela nem me abre a porta. — franziu o sobrolho. — Preciso dela na minha vida. Sem ela... e sem tu seres... Eu não sou bom nestas coisas. Bem tento, mas preciso que ela acredite em mim. Não ter nenhuma de...

— Pára. — Aislinn não quis que ele avançasse mais com aquela ideia. A paz entre as cortes era recente e ténue. Era melhor que Donia e Keenan estivessem em paz um com o outro, mas falar a sós com Donia deixava-a ansiosa. De certa forma, tinham-se tornado amigas, não tão próximas como Aislinn esperara inicialmente, mas o suficiente para terem passado algumas tardes juntas, no início. Isso acabara quando começou a Primavera. *Quando as coisas mudaram com o Keenan.* Podiam evitar falar sobre isso, mas tinham de fazer um esforço constante para não se tocarem.

— Posso tentar, mas se está chateada contigo, pode não estar disposta a falar comigo também. Ultimamente, desmarcou todas as vezes que tentei combinar coisas com ela. — admitiu Aislinn.

Keenan serviu dois copos de água enquanto ela falava.

— Isso é porque o Verão está a ficar mais forte, e o Inverno mais fraco. A Beira ficava sempre mal-humorada na Primavera. E isso era quando eu ainda estava fraco.

Keenan ofereceu-lhe um copo. E ela ficou paralisada.

É apenas água. E ainda que fosse vinho do Verão, não a afectaria como da primeira vez. Afastou esses pensamentos.

— Ash?



Assustou-se, foi apanhada desprevenida porque Keenan raramente usava o seu diminutivo. Desviou a atenção do copo e olhou-o de relance.

— Sim?

Passou um dedo pelo exterior do copo, erguendo-o. O líquido era translúcido.

— É seguro. Não tenho intenção de te magoar. *Nunca*. Mesmo dan-tes, não queria magoar-te.

Aislinn corou e pegou no copo.

— Desculpa. Eu sei, a sério.

Keenan encolheu os ombros, mas ficava magoado tão facilmente com os momentos de pânico dela. Aislinn suspeitava que às vezes os sen-tia, como se partilhar a corte estivesse a criar um laço entre os dois, para o qual nenhum deles estava preparado. Mais ninguém na corte conseguia ver através das máscaras que ela usava — a não ser Keenan.

Amigos. Somos amigos. Não somos inimigos. Nem qualquer outra coisa.

— Eu falo com a Don. — disse-lhe — Não prometo nada, mas vou tentar. Talvez até seja bom para nós... ela tem andado tão irritadiça comigo nas últimas semanas. Se é só por ser Primavera, talvez seja bom falar.

Keenan pegou-lhe na mão e apertou-a gentilmente.

— É amável da tua parte tolerares as situações em que te coloco. Sei que isto ainda não é fácil para ti.

Aislinn não lhe largou a mão, agarrando-o com a força que tinha adquirido quando a sua mortalidade fora substituída por esta outra vida.

— Só tolero até certo ponto. Se guardares outro segredo como fizeste com a Leslie — deixou sair a luz do sol que vivia na sua pele; não foi um descontrolo sobre as suas emoções, mas uma demonstração de como dominava cada vez melhor o elemento que ambos partilhavam — era insensato, Keenan. Foi a Donia que tornou possível libertar a Leslie. Tu desapontaste-me. Não quero que aconteça outra vez.

Durante quase um minuto, Keenan não respondeu; ficou apenas a segurar a mão de Aislinn.

Quando ela tentou tirá-la, ele sorriu.

— Não sei se esta ameaça terá o resultado que querias. Ainda és mais atraente quando estás zangada.

Aislinn corou, pois as palavras que *devia* dizer e as que podia dizer não eram as mesmas. Mas não desviou o olhar.

— Não estou a brincar, Keenan.

O sorriso dele desvaneceu-se, e largou-lhe a mão. Ficou com uma expressão séria no rosto. Assentiu com a cabeça.

— Nada de segredos, é isso que me pedes?



— Sim. Não quero que sejamos adversários, nem fazer jogos de palavras. — As fadas distorciam as palavras para conseguirem qualquer vantagem possível.

A fada à sua frente falou calmamente.

— Também não quero que sejamos adversários.

— Nem fazer jogos de palavras. — voltou a dizer.

O sorriso malicioso voltou.

— Por acaso, até gosto de jogos de palavras.

— Falo a sério, Keenan. Se vamos trabalhar juntos, tens de ser mais honesto comigo.

Keenan perguntou-lhe num tom desafiante:

— A sério? É mesmo isso que queres?

— Sim. Não podemos trabalhar juntos, se eu tiver constantemente que adivinhar em que estás a pensar.

— Se tens a certeza que é isso que queres. — A sua voz oscilava entre provocadora e intensamente séria. — É, Aislinn? É mesmo isso que queres de mim? Que seja totalmente sincero?

Sentiu que estava a entrar numa armadilha; mas se queria ser sua igual, recuar não era a abordagem certa. Forçou-se a olhá-lo nos olhos e disse:

— É.

Keenan inclinou-se para trás e bebeu um gole de água, observando-a ao mesmo tempo.

— Bem, não precisas de adivinhar... estava a pensar — agora mesmo — que às vezes distraímos-nos tanto com as questões da corte, com a Donia, o Niall, as tuas aulas... é fácil esquecer que nada do que possuo seria meu se não fosses tu, mas é difícil esquecer que continuo a querer mais.

Aislinn corou.

— Não foi isso que quis dizer.

— Então agora vais *tu* fazer jogos de palavras? — Desta vez o seu tom era claramente de desafio. — Podes decidir quando a minha sinceridade é bem-vinda ou não?

— Não, mas...

— Disseste que querias saber o que estava a pensar; não impuseste condições. Não há jogos de palavras, Aislinn, a escolha foi tua. — Pousou o copo na mesa e aguardou alguns minutos. — Mudaste de ideias tão facilmente? Preferes que haja segredos, ou não?

Aislinn começou a ficar aterrorizada; não receava pela sua segurança física, mas receava que a amizade que andavam a construir se desmoronasse à sua volta.



Como não falou, ele continuou.

— Estava a pensar que mais ninguém conseguiria lidar com *nada* do que lidaste. Até a adaptação a seres uma fada... Nenhuma das Meninas do Verão se adaptou tão facilmente. Não ficaste de luto pela vida que perdeste, nem te revoltaste, nem ficaste dependente de mim.

— Eu sabia da existência das fadas, elas não. — protestou. Quanto mais ele falava, mais ela detestava a incapacidade de mentir das fadas. Seria mais fácil mentir e negar a facilidade com que se tornara fada. Seria mais fácil dizer que não estava a adaptar-se à sua nova vida muito mais depressa do que alguma vez pensara. Seria mais fácil dizer que estava em dificuldades.

Porque assim ele não me faria isto.

Keenan dera-lhe espaço, dera-lhe tempo. Fora seu amigo e nem sequer se aproximara dos limites impostos por Aislinn.

Foge. Foge já.

Não fugiu.

E Keenan aproximou-se, invadindo o seu espaço.

— Sabes que é mais do que isso. Agora sei que não ter encontrado a minha rainha em todos estes anos foi o mais acertado. Esperar por ti compensou por tudo o que pensei que não ia aguentar.

Estava agora a tocar-lhe o cabelo. A luz do sol deslizava pela pele de Aislinn.

— Se fosses a minha rainha, a minha rainha de verdade, a nossa corte seria ainda mais forte. Se fosses minha, sem distrações mortais, estaríamos mais seguros. Seríamos mais fortes se estivéssemos realmente juntos. O Verão é a altura para desfrutar dos prazeres e do calor. Quando estou contigo, quero esquecer tudo o resto. Amo a Donia, sempre amarei; mas quando estou perto de ti — deteve-se.

Aislinn sabia o que ele não estava a dizer. Sentiu que era verdade, mas não iria entregar essa parte de si em benefício da saúde da sua corte. Keenan já saberia que iam sentir-se assim? Já saberia que a insistência de Aislinn em tratar o seu reinado como um emprego e não como uma relação ia limitar o crescimento da sua corte? Não queria saber a resposta.

— A corte está mais forte do que alguma vez estive, em toda a tua vida. — murmurou.

— Está, e estou grato por tudo o que tens dado à nossa corte. Esperarei o tempo que for necessário pelo resto. É nisso que estou a pensar. Suponho que devia estar a pensar na lista de coisas que temos para fazer, mas — aproximou-se mais, sustendo-lhe o olhar — tudo o que consigo pensar agora é que estás aqui comigo, onde é o teu lugar. É verdade que



amo a Donia, mas também amo a minha corte. Poderia amar-te como é suposto amarmo-nos um ao outro, Aislinn. Se me deixasses, poderia amar-te ao ponto de nos esquecermos de tudo, menos um do outro.

— Keenan...

— Pediste-me sinceridade.

Não estava a mentir; não podia. *Não importa*. O facto de lhe dizer estas coisas não tinha importância, nem podia ter.

Aislinn conseguia sentir a luz do sol que vivia algures no seu âmago. Expandiu-se e preencheu-lhe a pele, quase a rebentar. Estava a reagir ao breve toque de Keenan com uma intensidade que sentira apenas com Seth — o que estava errado.

Estará? Uma voz traiçoeira sussurrou dentro dela. *É o meu rei, o meu parceiro...*

Pôs-lhe uma mão no peito, com intenção de o empurrar, mas a luz do sol pulsou entre eles ao contacto. Os seus corpos eram uma conduta gigante; a luz do sol fez uma espiral entre eles como uma corrente de energia, que crescia ao ultrapassar a barreira da pele.

Keenan arregalou os olhos, e respirou de forma instável várias vezes. Inclinou-se para ela, e Aislinn sentiu-se inclinar para ele. O braço dela estava dobrado pelo cotovelo, de forma que — apesar de ainda ter a mão em cima dele, como se quisesse empurrá-lo — estavam peito com peito, com o braço de Aislinn no meio dos dois.

E Keenan beijou-a, algo que tinha feito apenas quando ela era mortal. Da primeira vez, Aislinn estava tonta por ter bebido demasiado vinho do Verão e passado demasiadas horas a dançar nos braços dele. Da segunda vez, foi uma forma de a seduzir quando lhe disse para a deixar em paz. Mas desta vez, à terceira, beijou-a tão gentilmente que foi quase só um roçar de lábios. Era tanto um beijo como uma pergunta. Era afecto, o que de alguma forma, só piorava tudo.

Aislinn afastou-se.

— Pára.

A sua palavra foi pouco mais que um sussurro, mas mesmo assim ele parou.

— Tens a certeza?

Não conseguia responder. *Nada de mentiras*. Conseguia sentir o Verão a amadurecer nas palavras dele, uma promessa do que poderia ter se se aproximasse apenas mais um pouco.

— Preciso que te afastes. — concentrou-se no significado dessas palavras, na textura do sofá, nas lombadas dos livros forrados a cabedal que conseguia ver na parede atrás de Keenan. Em tudo, menos nele.



Tirou-lhe a mão do peito.

Calma. Concentra-te no que é importante. A minha vida, as minhas escolhas, o Seth.

Keenan afastou-se também, observando-a atentamente, ao mesmo tempo.

— A corte estaria a morrer, se não fosses tu.

— Eu sei disso. — não podia afastar-se mais. Não havia para onde ir; já tinha o braço do sofá cravado nas costas.

— Eu seria inútil sem ti. — continuou Keenan.

Aislinn apertou a almofada no colo, como se fosse um escudo que podia erguer entre eles.

— Aguentaste a corte durante nove séculos, sem mim.

Keenan assentiu com a cabeça.

— E valeu a pena. Cada tortura valeu pelo que temos agora e pelo que poderemos ter, se um dia me aceitares. Se tivéssemos tempo para estar juntos como devíamos...

Por mais um momento demasiado longo, Aislinn ficou quieta, a tentar encontrar as palavras certas para desvanecer a tensão que surgira. Não era a primeira vez que Keenan era tão expressivo, mas era a primeira vez que tinha estendido a mão para lhe tocar na pele sem ser num gesto casual de afecto. A combinação das duas coisas era demasiado.

— Espaço? — a sua voz vacilou ao dizer a palavra.

Keenan afastou-se mais.

— Só porque mo pedes.

Aislinn sentiu-se tonta.


Keenan sorriu-lhe de forma tensa.

Aislinn levantou-se, com as pernas bambas, e dirigiu-se para a porta. Abriu-a e apertou a maçaneta até ter medo de a partir. Foi preciso mais autocontrolo do que gostaria, mas susteve o olhar de Keenan.


— Isto não muda nada. *Não pode* mudar nada. És meu amigo, o meu rei, mas... é tudo o que podes ser.

Keenan assentiu com a cabeça, mas era um gesto que indicava que a ouvira, mas não concordara. O que ficou tremendamente claro quando disse:

— E tu és a minha rainha, a minha salvadora, a minha parceira — e isso é tudo.



CAPÍTULO 7

 Aislinn vagueou sem destino por Huntsdale. Às vezes, não conseguia estar perto de Seth; ultimamente, isso acontecia cada vez mais, com os pensamentos acerca de Keenan a perdurarem-lhe na mente. Estivera a pensar no que Keenan dissera e no que sentira quando ele se aproximara dela, e estava com medo. Ao separar-se de Donia, Keenan ia insistir mais em estar com Aislinn. Já estavam demasiado próximos, com a aproximação do Verão, e não sabia o que fazer em relação a isso.

Uma parte de si queria falar com Seth, mas a ideia de o perder aterrorizava-a. Por muitas vezes que lhe sussurrasse que a amava, Aislinn ainda tinha medo de estragar tudo e que ele a deixasse. Às vezes, queria fugir dos problemas do mundo das fadas; como podia esperar que ele não quisesse a mesma coisa? Seth tinha de partilhá-la com a sua corte e o seu rei. Se lhe dissesse que Keenan estava a pressioná-la — e que ela estava tentada — seria a gota de água?

Seth dava-lhe espaço, mas reparava quando ela estava perturbada, e ela não tinha a certeza do que lhe diria se ele perguntasse porquê. *O meu rei, a minha cara-metade, decidiu mudar as regras. E eu quase não recusei.* Não estava disposta a ter aquela conversa, tão cedo não estaria. Acabaria



por estar, acabaria por lhe dizer. *Só não vai ser já. Não enquanto não souber o que dizer.*

Queria falar com alguém, mas a sua única amiga que sabia das fadas, a Leslie, tinha deixado a cidade e recusava falar sobre elas; contar a Seth significava admitir que se sentia tentada por Keenan; e o seu outro confidante para assuntos feéricos, Keenan, era o próprio problema. Aislinn foi confrontada com a noção desagradável de que o seu círculo de amigos estava mais pequeno do que nunca. Nunca tivera muitos amigos, mas entre os meses que passou a apaixonar-se por Seth e a tentar convencer-se que era platónico, e as mudanças por que passou ao tornar-se uma fada monarca, tinha-se afastado dos poucos amigos que tinha. Ainda falava com Carla e Rianne na escola, mas havia meses que não saía com nenhuma delas.

Depois de ver as horas, telefonou a Carla.

Carla atendeu quase imediatamente.

— Ash? Estás bem?

— Sim. Porquê? — Aislinn sabia porquê: nunca mais lhe tinha ligado.

— Eu só... nada. Que se passa?

— Estás livre?

Carla ficou calada por uns segundos. Depois disse:

— Depende porque perguntas.

— Pronto, estava a pensar que tenho sido uma péssima amiga, ultimamente... — Aislinn fez uma pausa.

— Continua a falar. Estás a ir bem. Qual é a próxima parte?

— Penitência? — riu-se, aliviada por Carla não dar demasiada importância à situação. — Qual é o preço?

— Dez por jogo? Encontramo-nos lá?

Aislinn virou para baixo na rua seguinte, para ir em direcção ao Shooters.

— Dás-me umas bolas de avanço?

Carla bufou.

— Penitência, querida. Tenho andado de olho numa nova placa de vídeo, e tu vais pagá-la até ao fim da noite.

— Ai.

— Pois. — Carla riu-se alegremente. — Vemo-nos daqui a meia hora.

— Eu arranjo mesa. — então, bastante mais bem-disposta, Aislinn desligou. Sabia que tinha vários dos seus guardas a segui-la, a uma distância discreta. No entanto, esta noite, não queria vê-los. Jogar bilhar com



uma amiga não resolvia nada, mas era mais próximo da vida normal de que ainda sentia falta.

Com isso em mente, atravessou a meia-dúzia de quarteirões até ao Shooters. O “h” do letreiro estava apagado, por isso dizia “sooters” — o que era bem melhor do que quando o primeiro “s” se tinha apagado.

Havia semanas que nem sequer lá entrava. A culpa atingiu-a novamente — e depois o medo de que já não fosse bem-vinda. A clientela habitual do Shooters trabalhava muito e divertia-se com o mesmo entusiasmo. Eram todos mais velhos do que ela — alguns tinham idade suficiente para ter andado na escola com a sua avó — mas no Shooters não havia distinção entre idades, classes ou raças. Era um lugar onde todos eram bem-vindos, desde que não causassem problemas.

Antes de tudo ter mudado, Denny, um ás do bilhar na casa dos vinte, acolhera-a como uma espécie de projecto. A sua amiga Grace dava-lhe aulas quando Denny queria bater um recorde, e com os dois a ensinar-lhe, Aislinn tornara-se uma bela jogadora. Nunca conseguiria “limpar” as mesas como ele, mas esse tipo de perícia só se conseguia praticando todos os dias. Gostava de falar e jogar com a maior parte dos clientes habituais, mas era de Denny e Grace que sentia realmente saudades.

Quando entrou, avistou logo Denny. Estava numa mesa com Grace. Quando Grace olhou para cima e a viu, a sua expressão abriu-se num sorriso.

— Olá, Princesa. Há muito tempo que não nos visitavas.

Denny deu a sua tacada antes de levantar os olhos da mesa.

— Não vens com nenhum dos Príncipes Encantados?

Encolheu os ombros.

— Saída de raparigas. Vim ter com a Carla.

— Pega num banco ou numa cadeira. — a voz de Grace tinha um tom áspero, de cigarros e uísque, que contrastava com o seu corpo. Pela voz, parecia uma mulher que devia ser uma cantora graciosa, num vestido vermelho-vivo, a partir corações e a provocar brigas entre casais; mas Grace causava outro tipo de problemas. Com botas pretas, *jeans* desbotados e uma camisa de homem, era toda musculada e capaz de lutar com qualquer dos homens presentes. Tinha imenso orgulho no facto de a sua Softail Custom² estar mais cromada e ter tubos de escape mais barulhentos do que a de Denny.

— Queres fazer equipas, quando a Carla chegar? — Denny deu a

² Softail Custom — modelo de motorizada da Harley Davidson



volta à mesa para dar a próxima tacada. Prendera o cabelo atrás, mas o rabo-de-cavalo solto já estava a desmanchar-se e a cair-lhe para o rosto.

— Só se eu ficar com a Carla. — disse Grace. — Desculpa, Ash, mas eles os dois juntos matavam-nos.

Aislinn fez um sorriso rasgado.

— Ela já definiu a parada. Dez por jogo.

— Então são vinte, por equipas? — Denny ensacou duas bolas, numa jogada complicada, que Carla conseguia explicar através da geometria e ângulos simples, mas que Denny executava por uma questão de precisão e prática. Aislinn nem sabia geometria, nem tinha prática suficiente.

— Ou dez na mesma, divididos a meias. — Grace abriu uma garrafa de água.

— Podemos empatar, se ficares com a Carla. — disse Denny. Depois, acabou de limpar a mesa.

— Ou não. — murmurou Grace.

Sorriu.

— Ou não.

Um *blues* começou a tocar na *jukebox*; Aislinn já estivera lá vezes suficientes para reconhecer um clássico de Buddy Guy. Por toda a sala, conversas murmuradas subiam e desciam de tom, entre o estalido de bolas de bilhar. Gritos de derrota e de vitória invadiam o zumbido habitual do Shooters. *É bom estar aqui*. Passara demasiado tempo com fadas; conviver com amigos era a mudança de que estava a precisar.

Quando Carla chegou, Aislinn já conseguia quase convencer-se que a vida era como dantes. Não que dantes fosse perfeita, mas às vezes parecia que nessa altura as coisas eram muito mais claras. Ponderar a eternidade, um emprego que não fazia ideia de como fazer isso, e uma relação que se encaminhava para limites intransponíveis — era enervante.

Mas estava lá a Carla, estavam lá o Denny e a Grace, a música era boa, e o riso era fácil. O resto da noite estava reservado para amigos e diversão.

— Jogo! — gabou-se Carla. Fez uma pequena dança de vitória que fez com que Denny olhasse para o lado, e Grace fez um sorriso malicioso.

— Alguém anda a guardar um segredo. — murmurou Aislinn para Denny.

Denny semicerrou os olhos.

— Deixa-te disso, Ash.

Grace e Carla estavam a conversar, enquanto Grace recolhia as bolas com o triângulo. Aislinn virou-se de costas para a mesa e manteve a voz baixa.



— A idade é relativa. Se tu...

— Não, não é. Talvez um dia que ela tenha tido oportunidade de viver um pouco mais... mas ainda não teve, e não vou roubar-lhe essa oportunidade. — Denny olhou Carla de relance, ao sentar-se num dos bancos encostados à parede. — Vocês os dois têm anos para aproveitar a vossa liberdade antes de assentarem. Eu já estou na fase de querer isso.

— Então, quantos anos de diferença são demasiados?

Sorriu.

— Não seas difícil. O Seth não é velho demais para ti. Um ano ou dois não é nada de mais.

— Mas...

— Mas eu sou quase uma década mais velho. É diferente. — Denny afastou-se do banco. — Agora vamos jogar ou arranjar o cabelo um ao outro?

— Parvalhão.

Denny sorriu.

— Mais uma razão para não me encorajares.

— Seja. — ela sorriu-lhe também.

Enquanto jogavam, Aislinn pensou em Seth — e em Keenan — e não tinha a certeza se concordava com Denny. *Terá razão? Será demais, uma diferença acima de alguns anos?* Parte de si achava que ele tinha razão. Quando estava com Seth, nunca sentia que houvesse algum problema de maturidade ou sabedoria, ou qualquer desequilíbrio. Com Keenan, sentia-se constantemente a dar passos em falso.

Afastou esses pensamentos e concentrou-se no jogo. Carla e Grace formavam uma grande equipa, mas Denny estava mais do que à sua altura. Todas jogavam por diversão; ele jogava a dinheiro, quase todas as semanas.

— Ei, peso morto! — chamou — é a tua vez.

Carla riu-se.

— A Ash só está a tentar ajudar-me, não é?

— É uma explicação tão boa como outra qualquer para a tacada fácil que falhaste há bocado... — Denny sorriu, apontando para a mesa.

Não falhou essa, mas perdeu mais do que a sua quota-parte nas horas seguintes. Era a noite menos complicada que tivera em bastante tempo — sem problemas implícitos, nem se preocupar com cada palavra que dissesse ou movimento que fizesse. Era exactamente o que estava a precisar.

Mais tarde, quando chegou a casa, Aislinn não ficou surpreendida por a avó estar a pé, à espera dela.



Podia haver agora guardas a segui-la, e aquela questão de nunca-deixes-as-fadas-saberem-que-as-vemos era agora um assunto quase sem importância, mas a avó ainda a tratava como se fosse uma rapariga normal. *Bem, tão normal como eu sempre fui.* A casa da avó era o sítio onde podia ser pequenina e ter medo. Era o sítio onde era repreendida por se esquecer de pôr o leite na lista de compras, se bebesse o que restava. Era um refúgio... mas isso não significava que o resto do mundo fosse deixado à porta.

Aislinn entrou na sala. A avó estava sentada na sua cadeira preferida: tinha uma chávena de chá na mão. O seu longo cabelo grisalho ainda estava enrançado, mas já não estava preso em cima.

A trança tinha mais comprimento do que Aislinn alguma vez suportara que o seu cabelo tivesse. Em criança, Aislinn pensava que a avó era, na verdade, a Rapunzel. Se as fadas eram reais, porque não a Rapunzel?³ Viviam num edifício alto, que tinha janelas com vista para um mundo estranho. Na altura, a avó tinha deixado o cabelo crescer ainda mais, e era loiro acinzentado. Aislinn perguntara-lhe, uma vez, acerca da sua teoria.

— *Mas não seria eu a bruxa que te mantém segura? Que te prendeu aqui no cimo da nossa torre?*

Aislinn já tinha pensado nisso.

— *Não, tu és a Rapunzel, e estamos a esconder-nos da bruxa.*

— *E o que acontece se a bruxa nos encontrar?*

— *Rouba-nos os olhos, ou mata-nos.*

— *Então, se deixarmos a nossa torre? — a avó transformava tudo num questionário. Todas as perguntas eram sobre elas, e dar respostas erradas significava ficar mais tempo dentro de casa.*

— *Quais são as regras?*

— *Não olhar para as fadas. Não falar com as fadas. Não atrair a atenção das fadas. Nunca. — Aislinn contou as três grandes regras pelos dedos, à medida que as dizia. — Seguir sempre as regras.*

— *Exactamente. — a avó abraçara-a nessa altura. Os seus olhos brilhavam com lágrimas. — Se quebrares as regras, a bruxa ganha.*

— *Foi isso que aconteceu à mamã? — Aislinn tentou ver o rosto da avó, à procura de pistas. Até nessa altura ela sabia que a avó nem sempre dava a resposta completa.*

³ Personagem de um conto de fadas dos Irmãos Grimm. Rapunzel foi criada por uma bruxa numa torre onde está prisioneira.



*A avó abraçou-a com mais força.
— Mais ou menos, querida. Mais ou menos.*

Moira era um assunto de que não falavam. Aislinn olhou para a avó, a única mãe que alguma vez tivera, e detestou o facto de que iria estar tanto tempo sem ela. A eternidade era muito tempo para estar sem a família. A avó, Seth, Leslie, Carla, Rianne, Denny, Grace... todos aqueles que conhecera antes de Keenan acabariam por morrer. *E eu vou ficar sozinha. Só com o Keenan.* Não conseguia falar, com aquela dor no coração.

— Deu um programa especial sobre as complicações das mudanças de clima inesperadas. — a avó apontou para a televisão. Desde que Aislinn encarnara o Verão, ela agora prestava muita atenção ao clima. — Falaram um pouco sobre os problemas das inundações, e em algumas teorias sobre as causas das mudanças ambientais repentinas...

— Estamos a trabalhar na questão das inundações. — Aislinn tirou os sapatos. — Mas a especulação é inofensiva. Ninguém acredita em fadas.

— Estavam a falar do estado dos ursos polares...

— Avó? Podemos não fazer isto hoje? — Aislinn deixou-se cair no sofá, afundando-se nas almofadas com um conforto que nunca sentiu nas águas-furtadas. Por muito que Keenan tentasse, aquela não era a sua casa. Não era ali que se sentia ela própria. Era aqui.

A avó desligou a televisão.

— O que aconteceu?

— Nada. É só... o Keenan... tivemos uma conversa — Aislinn não estava certa das palavras que procurava. Ela e a avó falavam sobre namoros, sexo, drogas, álcool, basicamente tudo, mas geralmente era no abstracto. Não era pessoal, nem ao pormenor. — Não sei. A seguir, fui ao Shooters com a Carla. Ajudou, mas... amanhã, depois de amanhã, no ano que vem — o que é que eu vou fazer quando não tiver ninguém, a não ser ele?

— Então, ele já está a pressionar-te? — a avó não perdia tempo. Nunca fora dada a subtilezas.

— O que queres dizer?

— Ele é uma *fada*, Aislinn. — nem tentou esconder o ódio.

— Também eu. — Aislinn não gostava de dizer aquela frase, ainda não; talvez nunca. A avó aceitava-a, mas tivera uma vida de medo e ódio contra precisamente aquilo que Aislinn era agora. A sua filha morreu por causa delas.

Por causa do Keenan.

— Não és como elas. — a avó franziu o sobrolho. — Definitivamente, não és como *ele*.



Aislinn sentiu as primeiras lágrimas de frustração arderem-lhe nos olhos. Não queria deixá-las cair. Ainda não tinha controlo suficiente, e às vezes o clima reagia às suas emoções mesmo quando ela não queria; mesmo agora, não estava certa de conseguir controlar as suas emoções e o céu ao mesmo tempo. Respirou fundo, para se acalmar, antes de responder:

— Ele é o meu parceiro, a minha cara-metade. . .

— Mas tu ainda és boa. És honesta. — a avó foi para o sofá. Puxou Aislinn para si.

Aislinn apoiou-se naquele abraço, deixou a avó mimá-la.

— Ele vai pressionar-te para fazeres o que ele quer. É a sua maneira de ser. — a avó acariciou o cabelo de Aislinn, passando os dedos pelos mechas às cores. — Não está habituado a ser rejeitado.

— Eu não. . .

— Tu rejeitaste o afecto dele. Isso magoa. Todas as fadas são orgulhosas. Ele é um rei das fadas. As mulheres têm-se entregado a ele desde que ele tem idade para reparar nelas.

Aislinn queria dizer que Keenan não estava interessado nela só porque ela o tinha recusado. Queria dizer que ele estava interessado nela por quem ela era. Queria dizer que a sua amizade estava a evoluir, e que só precisavam de encontrar uma forma de fazer com que ela fizesse sentido. Mas não tinha a certeza se alguma dessas coisas era verdade. Havia uma parte de si que acreditava que ele estava apenas a reagir ao facto de ela ter recusado a sua atenção, ou a séculos a pensar que “rainha” era sinónimo de companheira de cama. Havia outra parte, mais desconfortável, que acreditava que, como eram parceiros, a compulsão para serem mais do que amigos só ia tornar-se mais forte. *Essa* parte era aterradora.

— Eu amo o Seth. — murmurou, agarrando-se a essa verdade, não admitindo em voz alta que amar uma pessoa não significava que não se reparasse em mais ninguém.

— Eu sei disso. E o Keenan também sabe. — a avó não parou de lhe fazer carícias. Sempre soube cuidar dela sem a sufocar. Era algo que mais ninguém alguma vez tinha feito — não que houvesse mais alguém. Tinham sido sempre elas, só as duas, para sempre.

— Então, o que faço?

— Sê tu própria — forte e honesta. O resto acaba por encaixar, se fizeres isso. Sempre foi, sempre será. Lembra-te disso. Aconteça o que acontecer nos. . . séculos que tens pela frente, lembra-te de ser honesta contigo própria. E se falhares, perdoa-te. Vais cometer erros. O mundo inteiro é uma novidade, e todas as fadas já passaram muito mais anos nele do que tu.



— Gostava que ficasses para sempre comigo. Tenho medo. — Aislinn choramingou. — Não sei se quero a eternidade.

— Nem a Moira sabia. — então, a avó parou. — Mas ela fez uma escolha estúpida. Tu... tu és mais forte do que ela.

— Talvez não queira ser forte.

A avó fez um pequeno ruído que era quase uma gargalhada.

— Podes não querer, mas vais ser na mesma. É isso que é a força. Percorremos o caminho que nos dão. A Moira desistiu de viver. Fez coisas que eram... perigosas para si própria. Dormiu com estranhos. Fez deus-sabe-o-quê quando... Não me interpretes mal. Eu evitei que comesse os mesmos erros que ela. E obviamente ela não fez nada que te fizesse nascer com vícios. Não acabou com a tua vida, nem te ofereceu às fadas. Deixou-me ficar contigo. Mesmo no fim, fez escolhas difíceis.

— Mas?

— Mas não era a mulher que tu és.

— Sou só uma rapariga... Eu...

— Estás a governar uma corte de fadas. Estás a lidar com as políticas deles. Acho que já conquistaste o direito de ser chamada de mulher. — a voz da avó era severa. Era a que ela usava quando falava de feminismo, liberdade, igualdade racial, e todas essas coisas a que se agarrava como algumas pessoas se agarram à religião.

— Não me sinto pronta.

— Querida, nunca ninguém se sente pronto. Eu não estou pronta para ser uma velhota. Não estava pronta para ser mãe nenhuma das vezes — tua e da Moira. E de certeza que não estava pronta para perdê-la.

— Ou a mim.

— Não te vou perder. É o único presente que as fadas alguma vez me deram. Vais ficar aqui, forte e viva, muito depois de eu me tornar pó. Nunca vais ansiar por dinheiro, segurança, ou saúde. — a avó falava agora num tom feroz. — Quase tudo o que eu podia querer para ti, *elas* deram-to; mas só porque foste suficientemente forte para aguentar. Nunca vou gostar delas, mas saber que a minha menina vai ficar bem depois de eu partir... é uma grande ajuda para me fazer perdoá-las por tudo o resto.

— Ela não morreu mesmo no parto, pois não? — Aislinn nunca tinha perguntado, mas sabia que as histórias não encaixavam. Ouvira a avó e Keenan falar no Outono passado.

— Não, não morreu.

— Porque é que nunca me disseste, simplesmente?

A avó ficou em silêncio por alguns momentos. Depois disse:

— Leste um livro em pequena, e disseste-me que já sabias porque a



tua mãe te tinha deixado. Tinhas a certeza que não era culpa dela, que ela simplesmente não era forte o suficiente para ser mãe. Disseste que eras como as meninas das histórias, cujas mães tinham morrido para que elas pudessem viver. — o sorriso da avó era hesitante. — O que havia eu de fazer? De certa forma, era verdade: ela não era forte o suficiente, mas não da forma que pensavas. Não te podia dizer que ela escolheu deixar-nos porque quando nasceste ela era mais fada do que humana. Na tua versão, ela foi nobre e heróica.

— É por isso que eu sou assim? Porque ela não era humana quando eu nasci? Alguma vez fui completamente mortal?

Desta vez, a avó ficou quieta por tanto tempo, que Aislinn pensou se iriam ter uma repetição dos momentos de silêncio que surgiam sempre que se falava de Moira. A avó sentou-se e acariciou o cabelo de Aislinn durante vários minutos. Depois, finalmente, disse:

— Já pensei nisso, mas não sei como poderíamos saber. Ela quase não era mortal quando tu nasceste. Junta isso à razão, seja qual for, por que temos a Visão... Não sei. Talvez.

— Talvez ela fosse a rainha de que ele andava à procura. Talvez tu também fosses. Se calhar é por isso que temos a Visão. Se calhar podia ter sido qualquer pessoa da nossa família. Talvez quando a Beira o amaldiçoou e escondeu das fadas o que quer que fosse que ia tornar alguém a Rainha do Verão... podia ter sido *qualquer uma* de nós. Pergunto-me se me teria tornado fada na mesma. Se ela realmente não era mortal quando eu nasci...

A avó interrompeu a torrente de palavras cada vez mais rápida de Aislinn.

— Pensar “*é se*” não ajuda, Aislinn.

— Eu sei. Se ela fosse fada... eu não ficaria sozinha.


— Se ela tivesse escolhido aceitar ser fada, eu também não teria tido que te criar. Ela não te teria deixado para trás.

— Mas *deixou-me*. Preferiu morrer do que ser uma fada; do que ser o que eu sou agora.

— Lamento. — as lágrimas da avó caíram sobre o cabelo de Aislinn.

— Gostava que não soubesses nada disto.

E Aislinn não teve resposta. Ficou ali deitada, com a cabeça no colo da avó, como fizera tantas vezes quando era pequena. A sua mãe preferira a morte à vida de fada. Não deixava grande margem de dúvida para o que Moira pensaria acerca das escolhas que Aislinn fizera.



CAPÍTULO 8

Seth gostaria de se sentir surpreendido quando viu Niall à sua espera no Crow's Nest, no dia seguinte, mas não sentiu. A sua amizade era uma das coisas a que Niall se agarrara rapidamente, e Seth, por sua vez, não se importava. Era como descobrir que tinha um irmão — embora fosse um irmão mais velho retorcido e instável — de quem nunca se tinham dado ao trabalho de lhe falar.

Seth girou uma cadeira e sentou-se, com ela virada ao contrário.

— Não tens emprego ou qualquer coisa assim?

O Rei das Trevas ergueu um copo para o cumprimentar. Um segundo copo estava pousado na mesa. Apontou para ele e disse:

— Não foi servido pela minha mão, nem do meu copo.

— Calma. Eu confio em ti. Além disso, já *estou* no teu mundo — Seth ergueu o copo e deu um gole — e não planeio sair dele tão cedo.

Niall franziu o sobrolho.

— Se calhar não devias confiar tão facilmente.

— Talvez. — Seth inclinou-se e pegou num cinzeiro limpo da mesa ao lado, e fê-lo deslizar para Niall. — Ou se calhar tu devias relaxar.

A um canto, a banda estava a fazer o teste de som. Damali, uma das



namoradas semi-regulares de Seth, antes de Aislinn, acenou-lhe. As suas rastas pintadas de cobre chegavam-lhe ao meio das costas quando a vira da última vez. Não estavam muito mais compridas, mas agora estavam pintadas de cor-de-rosa. Seth acenou com a cabeça e voltou novamente a sua atenção para Niall.

— Então, estás com necessidade de me dar um sermão ou de ser super-protector?

— Sim.

— Hoje estás falador e sentimental. Sorte a minha.

Niall olhou-o.

— Hoje em dia, a maior parte das pessoas sentem-se intimidadas por mim. Sou o mestre dos monstros que o reino das fadas teme.

Seth arqueou uma sobrancelha.

— Hmmm.

— O que foi?

— Essa cena de “tenham medo de mim” não combina contigo. Mais vale continuares melancólico. — Seth deu outro gole e olhou em volta do Crow’s Nest. — Tu e eu sabemos que podias ordenar a morte de todas estas pessoas, mas eu sei que não o farias.

— Faria, se fosse preciso.

Seth não tinha resposta para isso — não era tema de discussão — por isso mudou de assunto:

— Vais estar melancólico a tarde toda?

— Não. — Niall olhou para o canto mais afastado. Àquela hora, ainda havia uma tabela de dardos livre. — Anda.

— Au-au. — disse Seth, mas levantou-se assim que o disse, aliviado por ir *fazer* alguma coisa.

— Ora, porque é que os meus canídeos não obedecem tão depressa? — aparentemente, Niall decidira tentar animar-se. Sorriu; um sorriso murcho, mas era um sorriso.

Seth foi até ao alvo e tirou os dardos. Não levava o jogo a sério, não ao ponto de levar os seus próprios dardos. Niall, no entanto, levava os seus. Fora uma fada-mas-não-um-rei durante demasiado tempo. Como rei, não reagia ao aço, mas essa era uma mudança muito recente. Um hábito de toda a vida não desaparecia tão facilmente. Abriu a caixa; lá dentro estavam dardos com pontas de osso.

Enquanto Seth escolhia os dardos com as pontas de aço mais finas para si, Niall assistia com uma expressão de espanto.

— Já não é tóxico, mas continuo a preferir que não me toque na pele.

— Os cigarros também não são tóxicos para ti, mas aí não hesitas.



— Bem visto. Os dardos não deviam incomodar-me. — Niall concordou, mas mesmo assim não se mexeu para tocar nos dardos que Seth tinha na mão.

Com um à-vontade que raramente sentia no meio dos habitantes da Corte do Verão, Seth virou as costas ao Rei dos Pesadelos e olhou para o alvo. *Em casa. Seguro.* O facto de a presença de Niall na sua espécie de casa contribuir para a sua sensação de segurança não lhe passou despercebido.

— Críquete?

— Claro. — Seth não achou que valesse a pena fingir que estava disposto a jogar algo mais sério. Não era suficientemente bom para desafiar Niall nos seus melhores dias, mas também não era esse o objectivo de jogar dardos. Era uma forma de passar o tempo, uma tarefa em que se concentrar.

Fizeram três jogos quase em silêncio total, e embora estivesse claramente distraído, Niall ganhou-os todos com a facilidade habitual. Quando Niall tinha apontado e atirado o seu terceiro e último dardo, disse:

— Espero que perdoes melhor do que atiras.

— O que se passa? — Seth não conseguiu parar a vaga de preocupação que se ergueu ao ouvir o tom cuidadosamente neutro do Rei das Trevas.

Niall olhou-o de relance enquanto tirava os seus dardos.

— Assuntos inacabados. Confia em mim.

— Não quero problemas.

— Sou o Rei das Trevas, Seth, que problemas poderia haver? — Niall sorriu, finalmente parecendo quase feliz. — Já chegaram.

E, por um segundo, Seth não quis virar-se. Sabia que iria vê-los — a sua namorada e aquele que competia pela sua atenção — quando se voltasse. Não gostava de os ver juntos, mas o seu autocontrolo não durou muito. Apesar de isso significar vê-la com Keenan, Seth não resistiu a olhar para ela. Nunca resistiu, mesmo quando ela era mortal. Aislinn estava a sorrir para Keenan; tinha uma mão pousada levemente na dobra do braço dele. Começara a adoptar mais os maneirismos formais das fadas, em público.

Niall falou num tom muito baixo:

— Nunca penses que podes confiar nele. Ele conta os dias que faltam para estares fora do seu caminho, e tem o tempo do seu lado. Sei que amas a nossa — *a* — Rainha do Verão, mas a tua batalha é uma batalha perdida, principalmente se não deres luta. Minimiza as perdas antes que te destruam, ou luta também.



— Não quero desistir. — Seth olhou para Ash. Ultimamente, pensara na mesma coisa várias vezes. — Mas não quero lutar contra ninguém.

— Lutar é... — começou Niall.

Seth não ouviu o resto das palavras: Aislinn olhara para cima e captara o seu olhar. Deixou Keenan e atravessou a sala.

Descontraidamente, Keenan voltou-se para falar com um dos guardas, como se a ausência de Aislinn não fosse dolorosa. *Mas é.* Seth sabia-o; tinha estudado as reacções do Rei do Verão, tinha visto essas reacções mudarem quando o Inverno acabou. Keenan manteria Aislinn sempre mais perto de si, se pudesse.

Tal como eu.

Niall olhou Seth com pena, quando Aislinn se aproximou deles.

— Não estás mesmo a ouvir, pois não?

Todo o ar nos pulmões de Seth pareceu desaparecer.

Será por causa dela, ou do que ela é? Cada vez mais se questionava acerca disso. Nunca tivera uma relação a sério antes de Aislinn, por isso tentar perceber o que era normal era um desafio. Será que o aumento do fascínio que exercia sobre ele era normal? Ou seria porque se tinha apaixonado por alguém que já não era humano? Nos últimos meses, lera livros suficientes de histórias antigas de folclore para saber que os humanos raramente conseguiam resistir à atracção de uma fada.

Será que é isso que me está a acontecer?

Mas, nessa altura, Aislinn estava a enroscar-se nos seus braços. Quando encostou os lábios aos seus, não quis saber porque se sentia fascinado por ela, nem se os avisos de Niall eram verdade, nem quais eram as intenções de Keenan. Tudo o que importava era que ele e Aislinn estavam juntos. A luz do sol ensopou-lhe a pele quando ela o abraçou.

Agarrou-a com mais força do que fazia antes — *quando ela era humana.* Agora, não conseguia apertá-la com força suficiente para sequer a magoar; não agora, que ela era uma fada.

As mãos dela subiram-lhe pela espinha, e deixou escorrer um fio de luz do sol na sua pele quando lhe tocou. Tal ousadia em público não era habitual nela.

Ele parou de a beijar.

— Ash?

Ela afastou-se um pouco mais e ele tremeu com essa perda.

Como se tivessem levado o sol.

— Desculpa. — Aislinn corou ligeiramente.

Seth achou que ainda não iria conseguir formular nenhuma frase.

— Amo-te. — ela sussurrou contra os seus lábios.





— Eu também. — disse Seth. *Sempre.*

Ela aninhou-se nos seus braços, com um leve suspiro. Nesse momento, não era uma rainha, não era uma fada, não era mais ninguém a não ser a sua Aislinn.

— Estás bem?

— Agora, estou.

No entanto, nem um minuto depois, ficou tensa. Apesar de Aislinn não conseguir ver Keenan, claramente soube que ele estava atrás dela. Fosse qual fosse a ligação que tinham, estava a tornar-se mais forte, e não estava a facilitar a vida a ninguém.

Por sua vez, a expressão de Keenan sugeria dúvidas que ele não dizia em voz alta. A humanidade residual de Aislinn, a sua capacidade de alternar entre uma governante e uma simples rapariga, pareciam confundir Keenan. Seth observara-o a tentar encontrar um sentido para a recusa de Aislinn em distanciar-se do mundo humano. Era uma força: as pessoas que ela via a beneficiar da sua dedicação em reconstruir a força do Verão inspiravam-na a fazer mais. Mas também era uma fraqueza: o tempo passado com mortais lembrava-a das diferenças desagradáveis entre os mortais e as fadas, e mantinha-a afastada das suas fadas. Essa distância era a fonte de uma falha na corte, uma vulnerabilidade que causava mais do que uma pequena agitação.

A juntar a isso, havia tensões provocadas pela recusa de Aislinn em ser uma “rainha a sério” e pela actual relação de Keenan com Donia; a corte estava mais forte, mas não estava curada.

Seth sabia que isso mudaria com o tempo — especialmente à medida que os mortais que Aislinn amava envelhecessem e morressem — mas Keenan não escondia a sua insatisfação com qualquer fraqueza que pudesse pôr Aislinn em perigo. As frustrações crescentes das fadas com as escolhas dos seus monarcas faziam com que Keenan ficasse preocupado com o que aconteceria quando essas fadas se tornassem mais arrojadas. Essa preocupação com Aislinn era uma das poucas coisas que Seth apreciava no Rei do Verão. Keenan estimava realmente Aislinn. Queria mantê-la segura e feliz.

Também a quer para si.

— Devias afastar-te, Keenan. Eu sei o que estás a fazer. Já te vejo fazer estes jogos há séculos. — subitamente, a voz de Niall transformou-se em fumo e sombras. — Experimenta pensar nas necessidades dos outros, para variar.

— Acho que o que faço agora não é da tua conta. — Keenan moveu-se, de forma a afastar-se de Aislinn e encarar Niall. Ao fazê-lo, o Rei



do Verão encostara-se à parede de tijolos — certificando-se que ninguém podia aparecer-lhe por trás.

— Se ferires o Seth — Niall lançou um sorriso a Seth — vai ser mau.

— Ele não é da tua corte.

Com um tom de escárnio, o Rei das Trevas disse:

— Só um cretino pensaria que isso importa. Eu perdi a Leslie. Era *amiga* da tua rainha, e tu deixaste que fosse corrompida. . .

— Pela Corte das Trevas; a tua corte, Niall. — Keenan olhou de relance para Aislinn, para Seth, e para os vários mortais presentes. No recanto sombrio onde estavam, o conflito ainda não tinha atraído as atenções.

— É a minha corte, e com tudo o que aprendi com os dois reis re-torcidos que amei e por quem dei a vida, nunca se rebaixará perante a tua. Não me tentes, Keenan. — Niall avançou na direcção de Keenan, encurtando a distância, com a ameaça à flor da pele. — Magoa o Seth e *vais* responder perante mim.

Keenan não falou.

— Diz-me que não lhe guardas rancor, Keenan. — a voz de Niall baixara de tom, para um rosnydo grave que Seth não sabia que o amigo possuía. Ao lado do Rei das Trevas, as donzelas do abismo ganharam forma e balançaram; os seus corpos eram línguas de fogo negro, torcendo-se e ondulando. Seth sabia que eram capazes de causar a devastação se fossem deixadas à solta, mas não tinha a certeza se isso era bom ou mau. Numa parte de si que tentava manter escondida, sentia raiva por Keenan e entusiasmo ao pensar que Niall o repreenderia. *O que não está certo.* Ultimamente, Seth controlava estes impulsos. Esforçara-se muito para se tornar a pessoa que era agora. Não se envolvia em lutas ou casos de uma noite; não ficava estupidamente bêbado nem começava a experimentar coisas só por serem proibidas. Estava calmo — mesmo quando não era a sua reacção instintiva.

— Niall? — Seth largou Aislinn e passou à volta das bailarinas do abismo. — Calma.

— Ele não fala, pois não, Seth? — Niall tinha cerrado os punhos.

— Sei qual é o meu lugar. — Seth sabia que Keenan tinha sentimentos confusos. Não agira para ferir Seth, mas seria uma surpresa se não o tivesse considerado. *À distância. Provavelmente, com Tavish a avisá-lo dos riscos.* No entanto, Seth não ia por aí; não ajudava em nada. — Não preciso de ouvir a resposta dele.

— A Ash precisa. — Niall estava imóvel, mas emanava ondas de sombra, para a parede de tijolo atrás de Keenan. As barras negras poderiam solidificar e formar uma jaula. — Afasta-te, Seth. Por favor.



Seth afastou-se do pequeno espaço onde estavam os dois reis, a olhar um para o outro. Depois de assistir ao conflito com a fada-corvo, Seth sabia que ficar no meio destes dois era má ideia. *Os mortais são demasiado frágeis.* O pensamento causava-lhe repugnância, mas era verdade. *Sou demasiado fraco para eles. Para todos eles.*

— O Keenan não magoaria o Seth. — murmurou Aislinn. Aproximou-se e pegou na mão de Seth. — Eu não perdoaria isso, e ele sabe-o.

Niall lançou-lhe um olhar de censura.

— A sério?

Raios de sol tremeluziram à sua volta, ao ficar irritada com Niall.

— Sim, *a sério.*

Todos pararam, ao ouvir os distúrbios na entrada. Guardas da Corte do Verão estavam a tentar recusar a entrada a um grupo de fadas com ornamentos pesados. Não resultou. Gabriel, o canídeo que era o braço esquerdo da Corte das Trevas, entrou calmamente. Com ele, estavam seis outros canídeos — incluindo Chela, a companheira rude e estranhamente meiga de Gabriel — e a sua filha semi-mortal, Ani. Os passos de Gabriel ecoavam pelo chão. A onda de medo que os canídeos trouxeram no seu rasto espalhou-se por toda a sala.

E mais uma vez, Seth estava grato pelo amuleto anti-encantamento que Niall lhe dera. Podia ser frágil, mas não era susceptível ao medo causado pelos canídeos, nem a nenhum dos seus encantamentos. Donia dera-lhe a Visão, mas isso só lhe permitia Vê-los. Niall dera-lhe algo que o protegia da forma como podiam brincar com as suas emoções.

— Gabe. — disse Seth, sem saber se a chegada dos canídeos eram boas ou más notícias. Não eram conhecidos por aconselhar precaução ou calma. — Prazer em ver-te... acho eu.

Gabriel riu-se.

— Veremos.

Chela piscou o olho.

— Mortal.

Niall não desviou o olhar de Keenan.

— Magoas o Seth, e eu não te perdo. Ele é meu amigo, está sob a protecção da Corte das Trevas.

— O Keenan não vai magoar o Seth. — interrompeu Aislinn. — E a nossa corte já o protege. Não precisa de ti.

Keenan lançou um olhar inexpressivo a Niall e depois perguntou a Seth:

— Ofereces a tua fidelidade à Corte das Trevas, Seth Morgan?

— Não.





— Oferece-la à Corte do Verão?

Seth sentiu Aislinn ficar tensa a seu lado.

— Não, mas não recusaria a amizade de nenhuma delas, se me fosse oferecida.

— Há um preço... — a expressão inocente de Keenan não era sincera; uma espécie de mentira. — Dor, sexo, sangue, há muitos preços horríveis que a Corte das Trevas pode exigir. Estás disposto a pagar o que *eles* te pedirem, em troca de protecção?

— Seth? — a preocupação na voz de Aislinn era real. Era a única na sala que podia acreditar que Keenan estava a tentar ajudar Seth.

Ao oferecer a amizade da sua corte, Niall lançara a Seth uma tábua de salvação sem que este tivesse de o pedir; não uma armadilha. Seth percebia isso. *Mesmo que ela não perceba.* A amizade de uma corte era mais do que apenas a amizade de Niall: significava que aqueles que jurassem fidelidade a esse trono agiriam como se Seth fosse um deles. Significava que teria muitos dos benefícios de pertencer a uma corte, mas sem as obrigações nem os deveres. Considerando o quanto Seth era vulnerável, significava que tinha uma força que podia invocar — de uma corte que muitas das fadas solitárias, a Corte Suprema, e a Corte do Verão temiam. Mesmo que não irritasse Keenan, era tentador.

— Está tudo bem. — Seth assegurou a Aislinn. — O Niall é meu amigo.

— Está a ser oferecida a amizade, não só do Rei das Trevas, mas também da Corte das Trevas; que será paga com sangue e nenhuma outra moeda. — disse Niall. Os seus olhos mostravam medo que Seth rejeitasse a sua oferta.

— Aceito. — Seth estendeu o punho à sua frente e esperou. Não estendeu a mão para Niall nem para os canídeos. Os pormenores do que se seguiria não foram totalmente claros para Seth. Quase todos os presentes podiam retirar sangue sem usar uma lâmina, mas também traziam algum tipo de arma. Duvidava que não fosse Niall a sangrá-lo, mas mesmo que não fosse, Seth confiava que Gabriel e Chela — as duas fadas das trevas que se seguiam na hierarquia — seriam cuidadosos com a sua segurança.

Só o Keenan me quer mal.

— Confio em vocês. — disse Seth, a Niall e aos canídeos.

— Sinto-me honrado. — Niall inclinou-se e baixou a voz para dizer — Mas, na verdade, os Reis das Trevas *não* resistem muito bem à tentação.

Depois, com um sorriso maléfico, virou-se e esmurrou o rosto de Keenan, com força suficiente para o Rei do Verão bater com a cabeça na parede de tijolo, com um baque ruidoso.



Num segundo, todas as fadas ficaram invisíveis.

Aislinn correu para o lado de Keenan quando ele cedeu e caiu.

Os canídeos avançaram rapidamente, erguendo-se como uma muralha ameaçadora, ao lado de Niall.

As bailarinas do abismo dançaram.

E Niall lambeu os nós dos dedos.

— Selado e pago com sangue. As regras não dizem que o sangue tem de ser *teu*, Seth.